**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

MARINA CANDIANI MELES

**O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores:
repercussões na esfera escolar**

RIBEIRÃO PRETO

2014

MARINA CANDIANI MELES

**O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores:
repercussões na esfera escolar**

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de
Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de pesquisa: Promoção de Saúde Mental

Orientadora: Profa. Dra. Renata Curi Labate

RIBEIRÃO PRETO

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Meles, Marina Candiani

O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores:
repercussões na esfera escolar. Ribeirão Preto, 2014.

104 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientadora: Labate, Renata Curi.

1. Luto . 2. Morte. 3. Escola . 4. Adolescente.

MELES, Marina Candiani

O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de
Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em / /

Comissão Julgadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

*Dedico este trabalho ao meu marido Anderson e
ao meu filho Matheus.*

“Aonde quer que eu vá, levo vocês no olhar”.

Agradecimentos

A Deus, por toda proteção, força e amparo, sempre.

Ao meu marido, Anderson, maior incentivador deste trabalho, por sempre acreditar em mim, de maneira intensa e verdadeira. Obrigada pelo amor, pela paciência, pelo companheirismo e pelo cuidado. “... amor que vai durar pra toda vida!”

Ao meu amado filho Matheus. Com você, vivencio diariamente o maior vínculo do mundo! Estar ao seu lado em cada etapa da sua vida é um privilégio indescritível. “Como é grande o meu amor por você!”

Aos meus pais, Cesar e Rosangela, exemplos de dedicação, disponibilidade e afeto.

Pai, admiro sua bondade, competência e perspicácia. Sua trajetória de vida me inspira a seguir sempre em frente! “... mais que seu filho, eu virei seu fã.”

Mãe, obrigada por me ensinar a ser humana, direcionando meu olhar para enxergar o que cada pessoa tem de melhor! “E ela disse assim: meu filho vai com Deus, que este mundo inteiro é seu!”

Vocês são meu porto seguro!

A minha orientadora Profa. Dra. Renata Curi Labate, obrigada pela oportunidade de realizar este grande sonho, que hoje faz de mim uma pessoa mais completa e feliz.

A minha psicóloga Adriana Borges Tannus de Souza, por todo acolhimento, apoio e zelo com minhas alegrias e tristezas. Incentivando e acreditando no meu crescimento, ressignifica vivências e modifica meu olhar. Espelho minha vida profissional na sua competência e no seu discernimento. Obrigada por tudo!

Aos meus irmãos, Renata e Eduardo, por me ensinarem que dividir é somar! As experiências que tivemos juntos são o alicerce para eu ser quem sou.

A minha estimada sogra, Angélica, por estar sempre disponível para me ajudar quando precisei (principalmente por cuidar tão bem do Matheus!), meus eternos agradecimentos. A sua maneira de ver a vida me encanta!

A minha amiga de jornada, Carolline Rangel, grande companheira desta odisséia que foi o mestrado. Vivemos juntas intensas emoções, sempre buscando apoio uma na outra. Amizade que levarei para sempre!

A minhas queridas amigas 'psis', Fer, Dani Palomo, Mel, Jan, Rê Raspantini, Jara (enfim, todas as grandes amizades que encontrei na universidade), sempre me incentivando nos momentos de desânimo e cansaço! Nossos encontros foram combustível para eu terminar este trabalho.

As minhas amigas de infância, Vanessa e Carla, laços criados no maternal que se mantêm firmes, baseados na cumplicidade e alegria.

À Profa. Dra. Maria Conceição B. de Mello e Souza e à Profa. Dra. Zeine Alves P. Scherer, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

À querida Profa. Claudia Maria Cantarella Silva, pela disponibilidade (mesmo nas férias!) para fazer as correções ortográficas desta dissertação. E aos Profs. Nefi Barreiro Damaceno e Luís Henrique Crivelente Dias (Cri), pela tradução do resumo em espanhol e inglês.

Aos adolescentes entrevistados nesta pesquisa. Obrigada por abrirem seu coração, compartilhando comigo sentimentos intensos e pesados. A generosidade de vocês, ao conversarem comigo sobre algo tão dolorido, me incentivava a buscar cada vez mais formas de ajudar quem passa pelo luto.

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

MELES, M. C. **O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar. 2014.** 104f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

A morte e o luto na atualidade são grandes tabus, sendo esse assunto evitado e muitas vezes ignorado. Em uma sociedade voltada para o prazer, a dor de vivenciar uma perda pode ser mais difícil de ser elaborada. A adolescência é uma fase da vida caracterizada por intensas mudanças físicas e psíquicas, exigindo do adolescente uma profunda reorganização. A vivência de uma morte real e significativa pode acarretar nele sentimentos mais exacerbados, exatamente por estar passando por esta fase do desenvolvimento cercada de instabilidade. O ambiente escolar, por ser um local de aprendizado e relacionamentos entre os pares, é de grande importância para a socialização desses adolescentes. Esta pesquisa qualitativa objetivou compreender a vivência do adolescente enlutado em consequência da morte de um dos pais e as repercussões desse luto no ambiente escolar. Trata-se de um estudo clínico-qualitativo, que busca a descrição e compreensão dos fenômenos humanos através dos sentidos e significados. Foram realizadas três entrevistas abertas com alunos de escolas públicas de Ribeirão Preto, todas foram audiogravadas e transcritas na íntegra. Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo, de acordo com o método clínico-qualitativo. Após a realização das leituras flutuantes e análise do material, observou-se que a morte de um dos pais na adolescência impactou os jovens de diversas maneiras. Acompanhar o declínio da saúde dos pais, o processo da morte e todas as consequências dentro da família foram aspectos definidos como desestruturantes, levando a pedidos a Deus pela recuperação da saúde do pai/mãe enfermo. O momento da notícia do falecimento, as mudanças na rotina e nos hábitos, a reorganização familiar foram apontados como aspectos intensos do processo de luto. As formas encontradas de lidar com a perda estiveram relacionadas a vínculos ressignificados com os familiares, levando os adolescentes a manterem-se nos propósitos prometidos aos falecidos. As repercussões na escola envolveram falta de concentração, assiduidade prejudicada, comportamento agressivo e lembranças do falecido na sala de aula. Em relação aos professores e funcionários da escola, percebe-se que os aspectos práticos, como abonar faltas e rever notas foram evidentes e importantes. Porém, não foi percebido acolhimento emocional dos jovens, sendo este apoio dado muitas vezes pelos colegas de sala. O luto é vivido de maneira singular e única, porém a fase do desenvolvimento e o grau de vinculação indicam que o luto do adolescente por morte de um dos genitores pode ser mais difícil de se elaborar. A escola necessita trabalhar com o aluno de maneira integral, para que os adolescentes enlutados possam sentir-se acolhidos e/ou encaminhados para serviços especializados em casos mais graves. A implementação da “Educação para a Morte” pode auxiliar tanto os adolescentes quanto os profissionais da educação para lidar de maneira mais saudável com a morte e o luto.

Palavras-chave: Luto. Morte. Escola. Adolescente.

ABSTRACT

MELES, M.C. Teenagers experience on mourning due to the death of a parent: repercussions at school. 2014. 104f. Dissertation (Master) – Nursing School of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

Death and mourning are huge taboos nowadays – issues which are avoided and many times despised. In a society that enhances satisfaction, the pain of experiencing such loss may be harder to figure out. Adolescence is a time in life featured by huge physique and psychological changes, requiring from the teenager a profound reordering of things. Experiencing a real and significant death may lead to more exacerbated feelings in the teenager, just because he or she is going through this phase of development surrounded by instability. This schooling realm is very important for teens' social interaction: a place where he or she learns and interacts in pairs. This qualitative research aims at understanding the experience of mourning teens due to the death of a parent and its outcomes in the schooling realm. This study is both clinical and qualitative, aiming at the description and apprehension of human phenomena through senses and meanings. Three open interviews with public school students in Ribeirão Preto were accomplished, recorded in audio and written down in full. Data were collected and presented to be analyzed as for their contents, according to methods both clinical and quantitative. After the processes of reading and analyzing the material, it was observed that the passing away of a parent during the period of adolescence caused several different impacts on youths. Seeing the parent's health going down, the process of death and all its consequences inside the family were aspects known as 'destructive to the structure' of the teen, leading to requests to God for the health recovery of the ill parent. The time of death, the changes in habits and routines and the family reorganization were seen as intense aspects of the mourning process. The ways found to deal with such loss were related to a rearranged link in family bonds, leading the adolescents to keep those purposes formerly promised to the deceased one. Facts in the school environment involve lack of concentration, unbalanced presence, aggressive behavior and frequent remembrances of the deceased one in the classroom. As far as the school teachers and staff are concerned, we notice that the practical aspect is to 'forget' absences and reevaluate the pupil's grades; such practices are both evident and important. However, it was not noticed any emotional receptivity towards the youth among the above mentioned groups; such support seems to be granted by the pupil's classmates. The mourning is lived out in a unique way; however, the phase of development and the bonding degree show that a teen's mourning due to the death of a parent can be harder to work out. It is necessary for the school to deal thoroughly with the pupil, so that the suffering adolescent may be able to feel welcomed and/or addressed to specialized services in more severe cases. The implementation of the "Education for Death" can aid both teens and teaching professionals to deal with death and mourning in a healthier way.

Key Words: Mourning. Death. School. Adolescent.

RESUMEN

MELES, M. C. El adolescente que vivencia el luto por la muerte de uno de sus genitores: repercusiones en la esfera escolar. 2014. 104f. Disertación (Maestría) – Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

La muerte y el luto en la actualidad son grandes tabúes, siendo este asunto evitado y muchas veces ignorado. En una sociedad que se ha vuelto para el placer, el dolor de la vivencia de una pérdida puede ser más difícil de ser elaborada. La adolescencia es una fase de la vida caracterizada por intensas mudanzas físicas y síquicas, exigiendo del adolescente una profunda reorganización. La vivencia de una muerte real y significativa puede ocasionar sentimientos más exacerbados en el adolescente, exactamente por estar pasando por una fase del desarrollo cercada de inestabilidad. El ambiente escolar es de gran importancia para la socialización de los adolescentes, siendo un local de aprendizaje y relacionamiento entre los pares. Esta pesquisa cualitativa objetivó comprender la vivencia del adolescente enlutado por consecuencia de la muerte de uno de sus padres y sus repercusiones en el ambiente escolar. Se trata de un estudio clínico- cualitativo, que busca la descripción y comprensión de los fenómenos a través de los sentidos y significados. Fueron realizadas tres entrevistas abiertas con alumnos de las escuelas públicas de Ribeirão Preto, las mismas fueron audio-grabadas e transcritas integralmente. Los datos colectados fueron sometidos a un análisis de contenido, de acuerdo con el método clínico cualitativo. Después de la realización de lecturas fluctuantes y análisis del material se observó que la muerte de uno de los padres en la adolescencia impacta los jóvenes de diversas maneras. Acompañar el declino de la salud de los padres, el proceso de la muerte y todas las consecuencias dentro de la familia fueron aspectos considerados desestabilizadores, llevando a pedidos a Dios por la recuperación de la salud del padre/madre enfermo. El momento de la noticia del fallecimiento, la mudanza en la rutina y en los hábitos y la reorganización familiar fueron apuntados como aspectos intensos del proceso de luto. Las formas encontradas para lidiar con la pérdida estaban relacionadas a vínculos significativos con los familiares, llevando los adolescentes a se mantener fieles a los propósitos prometidos a los fallecidos. Las repercusiones en la escuela envolvieron falta de concentración, asiduidad perjudicada, comportamiento agresivo y recordaciones del fallecido en la sala de clase. En relación a los profesores y funcionarios de la escuela, se percibe que los aspectos prácticos, como abonar faltas y revisar notas fueron evidentes e importantes. Más, mismo así, no fue percibido acogimiento emocional de los jóvenes, siendo que muchas veces este apoyo fue dado por los colegas de clase. El luto es vivido de forma singular y única, pero la fase de desarrollo y el grado de vinculación indican que el luto del adolescente por la muerte de uno de sus genitores puede ser más difícil de una elaboración. La escuela precisa trabajar con el alumno de forma integral, para que los adolescentes enlutados puedan se sentir acogidos y/o encaminados para servicios especializados en casos más graves. La implantación de la “Educación para la muerte” puede auxiliar tanto los adolescentes como los profesionales de la educación para lidiar de manera más saludable con la muerte y el luto.

Palabras chaves: Luto. Muerte. Escuela. Adolescente

SUMÁRIO

1 PREÂMBULO	14
2 INTRODUÇÃO	16
2.1 Morte e luto	16
2.2 Teoria do Apego	21
2.2.1 Padrão seguro	23
2.2.2 Padrão inseguro	23
2.3 O luto na adolescência.....	24
2.4 Morte e luto na escola.....	29
3 OBJETIVO	34
4 RECURSOS METODOLÓGICOS	35
4.1 O método clínico-qualitativo	35
4.2 Aspectos éticos	37
4.3 Técnica para coleta de dados	38
4.4 Procedimento para coleta de dados	40
4.5 Amostra	44
4.6 Tratamento dos dados obtidos	49
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
5.1 Impacto da Morte.....	51
5.1.1 O processo da morte	51
5.1.2 Pedido a Deus pela recuperação / revolta pela morte	56
5.2 O Luto.....	57
5.2.1 O momento da notícia da morte	57
5.2.2 Consequências nos adolescentes	60
5.2.3 Consequências na família	71
5.2.4 Aproximação com familiares após a morte	73
5.3 Mecanismos de Enfrentamento	75
5.3.1 Formas de lidar com a perda.....	75
5.3.2 Heranças da relação findada	76
5.4 Repercussões do Luto dos Adolescentes na Escola	78

5.4.1 Pelo adoecimento e após a morte do genitor	78
5.4.2 Apoio dos colegas.....	83
5.4.3 Apoio de professores e diretores	85
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
 7 REFERÊNCIAS	91
 APÊNDICES	97
 ANEXOS	103

Desenho do artista polonês Pawel Kuczynski.

Fonte: <http://auwebic.com/cultura/contradicoes-humanas/>

*“Não, não, a Morte não é algo que nos espera no fim.
É companheira silenciosa que fala com voz branda,
sem querer nos aterrorizar, dizendo sempre a verdade
e nos convidando à sabedoria de viver.”*

Rubem Alves

*Fonte: A morte como conselheira. In: Cassorla, R.M.S., coordenador. Da Morte: estudos brasileiros. Campinas: Papirus
1991:11-5*

1 PREÂMBULO

O processo de morte e o morrer sempre foram assuntos que me inquietavam. Sempre questionei o porquê deste interesse sobre a morte, talvez sua inevitabilidade assustava-me bastante. O fato de que a única certeza que temos na vida é que vamos morrer e todo ser humano passará por perdas em algum momento de sua existência levou-me a perceber o processo de luto como um assunto extremamente importante, porém, pouco valorizado e discutido em nossa sociedade. Na verdade, muitas vezes, o que é indicado por parentes e amigos a pessoas que perderam um ente querido é ‘seja forte’. Entrar em contato com a dor e o desespero da perda ainda pode ser visto atualmente como sinal de fraqueza ou de fragilidade psíquica.

Mas, na realidade, lidar com a dor de perder alguém querido requer muita coragem. Não sabemos o que nos espera após a morte, este é um dos fatores que nos afasta de falar, discutir, opinar sobre ela. Encarar o desconhecido gera medos, angústias, aflições, tristezas com as quais talvez o enlutado nunca tenha se deparado durante toda a vida. O homem, ser que usa demasiadamente sua racionalidade, sente-se impotente diante das impossibilidades da morte. É um não-ser definitivo.

Em um determinado ponto das longas revisões bibliográficas que fiz para este trabalho, li algo que me sensibilizou profundamente, apesar de ser absolutamente óbvio: o enlutado precisa tomar consciência de que **nunca** mais verá a pessoa falecida. Nunca mais verá, conversará, abraçará... Nunca mais...

Com o decorrer dos estudos e de todas as aprendizagens que este mestrado possibilitou-me, compreendi que o luto permeia nossa vida através de várias formas de perdas. De um amor interrompido a uma aposentaria, convivemos o tempo inteiro com o ‘fim’. E como é difícil para o ser humano a mudança, o deixar de ser, seja ele qual for.

Quando encaramos o que nos causa medo, é possível compreender e ressignificar esse temor. Ao negarmos, ignoramos, deixamos de lado o que nos incomoda e perturba, nos tornamos reféns disso. A morte não deixará de existir só pelo fato de que a repudiamos. O luto não deixará de ser sofrido simplesmente pelo fato de não falarmos sobre ele. Podemos aprender muito com as perdas, elas podem nos levar a rever nossas prioridades, valorizar quem amamos e principalmente, viver cada dia de maneira intensa, verdadeira e fiel àquilo em que acreditamos.

Assim, procurando compreender essa questão, decidi pela Psicologia, onde busquei formas de conhecer mais profundamente este universo de perdas, que é a morte e o sentido dado a ela, no processo de luto.

Uma das áreas da Psicologia pela qual também me interessei durante a graduação foi a Orientação Profissional. Atualmente, trabalho como psicóloga em uma escola de Ensino Médio. Neste trabalho, realizo atendimentos a adolescentes pelos mais diversos motivos como orientação profissional; dificuldades acadêmicas, familiares e afetivas; morte de entes queridos. Nesta escola, tenho contato com trezentos alunos, que estudam do primeiro ano do Ensino Médio ao curso pré-vestibular.

Enquanto psicóloga dentro de uma escola, vivencio diferentes situações de luto de alunos matriculados na instituição. Chama minha atenção o fato de ocorrerem mortes de familiares dos alunos e, frequentemente, esta informação tarda a chegar ao meu conhecimento, passando despercebida também por outras instâncias da escola, como corpo docente e funcionários. Percebo a desestruturação que a morte provoca na família dificultando a comunicação entre família e escola. Também suponho que frequentemente familiares do adolescente não relacionem o processo de luto ao desempenho na escola, como se a morte não repercutisse em todos os âmbitos da vida dos enlutados.

Em 2011, soube da existência do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Luto coordenado pela Prof. Dra. Renata Curi Labate, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e através de minha participação neste grupo iniciei esse projeto de pesquisa sobre o luto na adolescência e a vivência na escola, espaço no qual os adolescentes se relacionam com seus pares e que representa parte importante do seu desenvolvimento social.

2 INTRODUÇÃO

2.1 Morte e luto

Várias vertentes da faceta humana tentam desvendar o incógnito morrer: artes, religião, filosofia, ciências... Mas nenhuma consegue por completo amenizar tantas perguntas que nos causam atordoamento. Para onde vamos depois da morte? Deve-se informar o moribundo de seu fim próximo? Há preparação possível e adequada para este momento? Temos controle e poder em nosso existir? (Kovács, 2005)

Seria possível lidar com a morte de uma maneira mais amena e menos dolorida? É bem provável que não, a experiência de perder alguém querido dificilmente será *tranquila*, mas certamente lidar com a cessação da vida da maneira pela qual se vivencia modernamente é uma forma muito provável de complicar esta experiência.

Rodriguez (2010) cita como é difícil para a maioria das pessoas até falar a palavra morte, substituindo-a por “fim”, “passagem”, “encontro”. Parece ser necessário proteger-se, como se o não falar sobre isso fosse determinante para se proteger deste ‘mal’. É como se a palavra trouxesse até mau agouro para quem a pronuncia.

Complementando esta ideia, Bromberg (2000) cita as tentativas de domínio da morte, quando se afirma que esta é uma passagem – estado transitório – e não a cessação da vida. As crenças religiosas são norteadoras destas impressões, pois, muitas vezes, definem que a vida continua em outro plano ou dimensão. Segue assim, uma negação da mortalidade, o que pode provocar fortes defesas, muitas vezes sendo necessárias para possibilitar uma imagem de futuro, um continuar após as perdas. Poderia ser extremamente perturbador lidar com a percepção de que não há nada após a vida que se leva. É uma forma de dar sentido à vida.

A morte é um tema sobre o qual não há verdades e certezas absolutas. Esta provoca dúvidas, emoções e reflexões, além de um certo desconforto. A morte atualmente é vista como oculta e “impronunciável”, mas somente através da comunicação é possível enfrentá-la (Rodriguez, 2005).

Embora venha passando por grandes transformações durante os séculos na forma em que é percebida pelos homens, a morte ainda é um grande tabu em nosso mundo atual. O historiador francês Phillipe Ariès em “A história da Morte no Ocidente” (Ariès, 1977) e “O Homem diante da Morte” (Ariès, 1982) traça uma evolução da história do homem ocidental perante a morte e o luto, enfocando suas atitudes e representações.

Este autor relata que, na Idade Média, o homem tinha uma convivência natural e próxima com a morte – *a morte domada*. Apesar de ser temida, as pessoas aceitavam a morte e a ‘esperavam’, com menos temor, as pessoas morriam em casa, junto da família, incluindo as crianças neste processo. Já nesta época, o grande temor era morrer subitamente.

Já no século XIX, o óbito era acompanhado por grandes explosões sentimentais (a morte romântica), sendo que os sobreviventes se comoviam demasiadamente frente ao falecido, demonstrando uma não aceitação da perda.

Outra característica deste período, o moribundo já não tinha poder de decidir sobre sua vida, passando esta responsabilidade para a família, que esconde do doente sua real situação - é a *morte invertida* - a alienação do moribundo de sua real situação (Mota, 2008). Passou-se também a poupar a família e todos ao redor, evitando “também a expressão aberta da dor e de sentimentos e emoções relacionados à perda porque eram considerados mórbidos e de mau gosto” (Domingos, 2000, p. 21). As crianças são afastadas deste contexto, para não perturbá-las.

Já no século XX, a morte era vista de forma vergonhosa, um grande fracasso para a humanidade. Com os avanços da medicina, a morte deixa de ser um evento social e transforma-se em algo isolado e escondido nos quartos dos hospitais (Teixeira, 2009). Assim, a manifestação de qualquer pesar ou dor era vista como fraqueza e falta de controle sobre si mesmo.

Surge então a *morte interdita*, que impede o enlutado de viver seu sofrimento e expressar-se em público, impulsionando-o a voltar a produzir logo. Os familiares e pacientes, embora percebam que a morte está próxima, não se comunicam sobre esta consciência. Isso dificulta o processo de luto, pois o morrer não é visto como parte da vida (Teixeira, 2009). A morte neste sentido é um assunto evitado, ou se fala dela através de eufemismos com o intuito de negá-la, e por ocorrer em sua maioria em hospitais e asilos, mantém-se longe do dia a dia da maioria das pessoas (Mota, 2008).

Ainda nesta autora, cita-se uma nova forma muito atual de ver a morte no mundo de hoje. É a *morte escancarada*. Com o poder enorme de repercussão da mídia e o longo alcance dos meios de comunicação com a massa, mortes trágicas, catastróficas ou violentas são exibidas diariamente de forma sensacionalista e banal.

É a morte vista de perto, ao lado de todas as pessoas, nas ruas e casas, pela perversidade do ser humano. Mas esta morte não é vista como sendo algo natural, parte da natureza e do desenvolvimento de todas as pessoas, ela vem carregada de impunidade, injustiça, descontrole emocional em um mundo voltado para o *ter*, para o consumo. E então, a morte já tão assustadora e amedrontadora, torna-se trivial. E apesar de estar tão próxima, não é pensada, refletida; a morte passa a ser algo ainda mais aterrorizante.

Assim, sem o respaldo da elaboração dos sentimentos evocados pelas perdas decorrentes de motivos tão fúteis (mata-se por R\$2,00), ou incrédulos (filhos matam pais em surtos psicóticos por uso de entorpecentes), estabelece-se uma relação ainda mais distanciada da morte, pois ver a realidade tal qual ela se apresenta gera medo, indignação raiva e impotência.

Franco (2010) afirma que a importância de estudos na área de luto no atual contexto de aumento da violência é de vital importância, já que há crescimento da demanda de cuidados e maior incidência de distúrbios psiquiátricos decorrentes do trauma.

Outro aspecto relevante, citado por Rodriguez (2010), é a supervalorização da vida através da grande eficiência nos diagnósticos médicos, técnicas cirúrgicas, transplantes de órgãos e até mesmo o crescimento da população idosa no mundo, o que leva a pensar se não está havendo uma tendência a acreditar que todas as mortes (com exceção da morte na velhice) são contra a natureza.

É necessário resgatar a morte como parte da vida. Assim é possível encontrar consolo quando se percebe que uma vida foi bem aproveitada e que naturalmente chegou ao fim, sem a ilusão de que a morte não é natural.

Indo de encontro a esta mudança de paradigma, no século XX, um movimento de reumanização do morrer surge, propondo que o momento da morte seja envolto com dignidade e qualidade. Elizabeth Kubler-Ross (psiquiatra suíça, 1926-2004) e Cicely Saunders (enfermeira, assistente social e médica, 1918-2005) contribuíram muito para esta mudança, de acordo com Teixeira (2009).

O autor supracitado relata que Elisabeth Kubler-Ross defendia a troca de informações e sentimentos, comunicação e respeito no processo de morrer, o que inclui o direito do moribundo de fazer escolhas e dizer o que ainda não foi dito aos familiares – desculpar-se e fazer recomendações, por exemplo. É a ‘boa morte’, que não visa o prolongamento da vida desnecessariamente. Já Cicely Saunders traz o conceito de ‘dor total’, no qual os valores e necessidades das pessoas doentes são vistos em todos seus aspectos, incluindo o físico, psicológico, social e espiritual.

Desse modo, várias áreas da saúde passaram a preocuparem-se com esta humanização da morte e com o respeito pelos moribundos (Mota, 2008), repensando o estar enfermo e a comunicação com os pacientes terminais.

Apesar desta tendência, toda a dificuldade em encarar a morte ainda predomina na sociedade atual, que está cada vez mais voltada para o prazer e com menos possibilidade de vivenciar a dor. O processo de luto também não encontra espaço para ser vivenciado e elaborado.

Kovács (2010) define o processo de luto como um conjunto de reações diante de uma perda. É uma experiência de sofrimento profundo pelo término de uma relação significativa, quando o investimento antes deferido ao ente não tem mais o mesmo destino. O processo de luto representa uma ressignificação e não uma “resolução”, pois só é possível seguir a vida incorporando a perda no cotidiano do enlutado (Bousso, 2011).

Em Souza et al (2010), “o luto pode ser compreendido com ampla categoria de respostas biopsicossociais esperadas diante de uma perda significativa” (p.123). A ruptura relacional definitiva, impedindo o contato e trocas antes possíveis, requer um movimento de elaboração destes vínculos afetivos rompidos.

Bromberg (2000) ressalta que luto é “conjunto de reações a uma perda significativa” e enlutamento é “processo de adaptação a essa perda” (p. 15), afirmando ainda:

(...) o luto – visto como o aspecto negativo do vínculo – é uma resposta genérica à separação. Assim sendo, a sequência das fases protesto-desejo observada no luto é uma resposta característica de muitas espécies ao rompimento de fortes vínculos afetivos (Bromberg, 2000, p.28).

O processo de luto por um objeto de amor envolve algumas etapas importantes, que são citadas por Raimbault (1979) como sendo a desidentificação com remorso ou culpa, como a ideia de que o enlutado deveria ter feito algo a mais pela pessoa que morreu; aceitar a própria finitude, já que a morte de alguém amado nos remete ao nosso próprio destino de terminalidade e o resquício das perdas ulteriores que não foram elaboradas e que precisam ser repensadas e metabolizadas para não ser um entrave à elaboração atual. O processo de luto, quando possível, precisa de um tempo de apaziguamento e é capaz de ser elaborado através da introjeção do objeto perdido sobre a forma de palavras, lembranças e, de um outro lado, do investimento afetivo em um novo objeto de amor.

Apesar de ser um processo universal, o luto se dá de forma idiossincrática, variando de pessoa para pessoa e apresentando características específicas por faixa etária, sendo necessários cuidados específicos para crianças e adolescentes. Na criança, o estágio cognitivo em que ela se encontra delinea sua reação e os cuidados essenciais para esta lidar com a perda. Já, no adolescente, a experiência de perda aparece misturada com seu processo de desenvolvimento psíquico e físico.

Mesmo com estas variações, Bowlby (2004/2006) considera haver um padrão geral básico no processo de luto. Essas fases são também descritas por Bromberg (2000), que apesar de utilizar Bowlby, complementa suas definições, trazendo novas formas de olhar o mesmo assunto, de acordo com Gorer e Parkes (*apud* Bromberg, 2000). Desse modo, há um esquema estritamente didático para definir as fases.

Bowlby	Bromberg
<p>1. Fase de torpor ou aturdimento: como reação imediata à notícia da morte, a maioria das pessoas fica atordoadas e perturbadas, incapazes de aceitar o fato.</p>	<p>1. Entorpecimento: a notícia da morte leva ao choque, descrença; podendo durar horas ou dias. Pode haver somatização (rigidez no pescoço ou sensação de vazio no estômago) e/ou negação inicial, esta podendo caracterizar uma defesa pela dificuldade de aceitação. Pode haver tentativa de tentar continuar vivendo como antes.</p>
<p>2. Fase de saudade e procura da figura perdida: com o decorrer do tempo após a perda, a pessoa começa lentamente a perceber a realidade da ausência, acarretando episódios intensos de aflição e choro. Juntamente com essas sensações, os pensamentos sobre a pessoa perdida preocupam, acoplados à impressão de sua presença real, levando à propensão de que sinais indicam que a pessoa falecida está de volta. É importante ressaltar que estes sinais não devem ser considerados como anormais e sim como um traço regular do comportamento de luto.</p>	<p>2. Anseio e protesto: fase de muito sofrimento psicológico e agitação física. A consciência da perda não impede o desejo de reencontrar a pessoa morta. O que não tiver relação com o morto tem pouco significado para o enlutado, que pode demonstrar introversão e afastamento. É comum o sentimento de raiva, contra si (por pequenas omissões de cuidado) e contra o outro, muitas vezes quem oferece consolo e ajuda. A raiva pode ser até contra o morto, pelo abandono. Este sentimento não denota luto patológico. O enlutado busca o morto, sendo esta a principal característica desta fase.</p>
<p>3. Fase de desorganização e desespero: superando as oscilações de emoção da fase anterior, suportando o sentimento de raiva, o enlutado compreende a perda definitiva e assim necessita superar os velhos padrões para adquirir novos, o que pode levar à sensação de que tudo foi perdido. Se tudo correr bem, o enlutado encontra novas maneiras de enfrentar a situação.</p>	<p>3. Desespero: com o passar do primeiro ano de luto, o sujeito para de procurar a figura perdida, aceitando a inalteração da perda. É uma fase mais complicada que as outras. O enlutado não acredita que possa ser resguardado algo de bom da vida, podendo levar à apatia e à depressão. Superar estas reações pode ser lento e sofrido. Ainda há sintomas somáticos evidentes.</p>
<p>4. Fase de maior ou menor grau de reorganização: o enlutado reconhece que precisa assumir novos papéis, levando a um planejamento.</p>	<p>4. Recuperação e restituição: com uma nova identidade, advinda da aceitação das mudanças e da situação, o enlutado pode buscar novos laços, que só pode acontecer quando se afasta das lembranças da pessoa morta.</p>

Quadro 1 - Fases do luto, segundo Bowlby (2004/2006) e Bromberg (2000)

Para Freud (1974) o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Apesar das consequências desta perda, após certo espaço de tempo é possível superá-la. Assim, Freud (1974) não considerava o luto como condição patológica, ao contrário da melancolia. Então, a diferença entre luto e melancolia é a perturbação da autoestima, que está presente somente na melancolia.

No final do século XX (duas últimas décadas), Franco (2010) postula que os estudos sobre luto relatavam a necessidade de “um desligamento emocional da pessoa falecida, com ênfase na expressão de sentimentos” (p.20). Parkes (*apud* Franco, 2010) apresentou em um de seus primeiros trabalhos a associação do luto à doença mental. Atualmente, o luto é estudado a partir de uma perspectiva de construção de significado, além da possibilidade de manter vínculos contínuos, contra a posição de desligamento da pessoa falecida.

Nadeau (*apud*, Franco 2010) considera significado como: “representações cognitivas, mantidas na mente de cada membro da família, mas construídas interativamente pela sociedade, pela cultura, pelo período histórico” (p.32). Citando aqui alguns exemplos de categorias de significados: morte injusta, significados religiosos, natureza da morte, lições aprendidas.

Assim, a construção do significado no luto indica uma nova leitura na identidade, nas relações sociais, nas relações com o morto e no sistema de crenças.

2.2 Teoria do Apego

Entre 1940-1950, o psicólogo britânico John Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego, através do estudo sobre a formação e rompimento de vínculos, em que analisava os efeitos adversos da separação entre bebês e mães (Franco, 2010).

Este estudo foi iniciado com crianças que foram separadas de um ou ambos os pais devido ao término da Segunda Guerra Mundial. Após o término do estudo, que foi feito a convite da Organização Mundial de Saúde, a conclusão foi enfática e inquestionável: os danos causados às crianças pequenas pela falta ou rejeição da mãe, ou substituta foram inquestionáveis (Parkes, 2009).

Com a influência da Etologia – estudo do comportamento animal – Bowlby conseguiu explicar o mecanismo de vinculação entre mães e filhos, do ponto de vista evolucionário, e as

consequências da separação (Parkes, 2009). Além da Etologia, o psicólogo britânico utilizou de conceitos da cibernética e da psicanálise para desenvolver os princípios básicos desta teoria que lançou um novo olhar sobre o vínculo do bebê à sua mãe – ou substituta – e do que acontece em decorrência da separação ou privação da mesma (Franco, 2010).

Esta vinculação afetiva caracteriza-se pela tendência de dois parceiros manterem-se próximos um do outro, o vínculo afetivo pode ser definido assim: “atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo” (Bowlby, 2006, p. 96). Se por acaso se separarem, em algum momento, tentarão reatar esta proximidade, havendo forte resistência quanto ao afastamento.

A ideia de vinculação entre si é o que dá sentido à existência da maioria das pessoas. Algumas acabam se ‘poupando’ da possibilidade de amar e sentir afeto por medo de perder esse vínculo e sofrer. Não investem no amor, pois este risco é grande demais (Parkes, 2009).

Bowlby (2006) continua suas explicações relatando que a criatura nasce com uma forte tendência a aproximar-se de certas classes de estímulos, principalmente as familiares e também tendenciado a afastar-se dos estímulos estranhos. Seguindo esta linha, outro conceito fascinante da pesquisa para desenvolvimento da Teoria do Apego foi o *Imprinting*, que demonstra como filhotes vinculam-se ao primeiro grande objeto que veem (Parkes, 2009).

Direcionando sua atenção para bebês humanos, sequenciou comportamentos do desenvolvimento do apego à figura materna nos dois primeiros anos de vida – sorrir, chorar, sugar, agarrar-se e acompanhar. Estes são modificados de acordo com o que a figura materna responde ao comportamento infantil. Seguindo os passos de Bowlby no estudo do vínculo entre mães e bebês, a psicóloga americana Mary Ainsworth aprofunda a teoria no estudo das interações mãe-bebê em nativos de Gana (Parkes, 2009) e concluiu “que uma maneira de estudar o apego era observar os efeitos da separação” (Franco, 2010, p.25).

Utilizando o Teste da Situação Estranha – TSE, Ainsworth conseguiu demonstrar empiricamente que o amor das mães tem um efeito profundo no modo como os bebês verão a si mesmo e ao mundo. Afastando as crianças de suas mães por um breve período, as reações dos bebês foram descritas em um padrão de apego seguro e dois padrões de apego inseguro, sendo que cada um destes padrões estava associado a um tipo de cuidado materno. Mary Main, colega de trabalho de Ainsworth, acrescentou um terceiro padrão de apego (Parkes, 2009). Deste modo, “a qualidade do vínculo estabelecido primariamente determinará, então, os vínculos futuros e os recursos disponíveis para enfretamento e elaboração de rompimentos e perdas” (Bromberg, 2000, p.29).

Parkes (2009) compila os padrões de apego da seguinte maneira:

2.2.1 Padrão seguro

Pais responsivos e sensíveis oferecem uma base sólida para os bebês conhecerem o mundo, já que compreendem as necessidades de segurança do filho. Assim, os bebês exploram ao seu redor e retornam ao entorno de mãe sem muito pesar, demonstrando carinho quando a encontram.

2.2.2 Padrão inseguro

- **Ansioso/Ambivalente**

Durante a separação da mãe, os bebês com apego ansioso apresentam grande sofrimento. Quando esta retorna, eles se agarram a ela e demonstram raiva ao chorar. Mães ansiosas e não responsivas às necessidades dos filhos geram este tipo de comportamento.

- **Evitador**

Apresentando indiferença quando a mãe retorna, os bebês se inibem de agarrar ou chorar ao reencontrar a mãe por esta não expressar sentimentos, castigando a aproximação do bebê, não a aceitando.

- **Desorganizado**

Apresentando comportamento contraditório, as crianças podem chorar quando estão longe da mãe, mas a evitar quando esta retorna; ou mesmo ficaram estáticas e se jogarem no chão ao se aproximarem dela. Este padrão pode estar relacionado a abuso parental, alcoolismo ou abuso de drogas.

Assim, Mazorra (2009) afirma que uma das maiores funções da figura de apego é dar condições seguras para que o sujeito possa explorar o meio. Deste modo, as repetições das experiências vivenciadas com esta figura transformam-se em parte da personalidade da pessoa, levando à propensão de funcionamento automático e inconsciente, com resistência a mudanças.

Bowlby (2006) ressalta que a capacidade de vinculação é de vital importância para a *sobrevivência da espécie* e que muitos distúrbios psiconeuróticos e de personalidade devem ser considerados firmemente como resultado de um distúrbio da capacidade para estabelecimento de vínculos afetivos.

Consequentemente, as experiências das crianças em sua infância, que definem o padrão de apego estabelecido, estarão presentes na vivência do luto, pois “uma das funções do apego é evitar lutos duradouros” (Parkes, 2009, p. 41).

2.3 O luto na adolescência

A adolescência é o período em que a pessoa opera a transição entre a infância e a idade adulta (Jersild, 1961). Com a duração de até uma década, compreendendo entre os 12/13 anos ao início dos 20 anos, a adolescência inicia-se na puberdade (Papalia; Olds, 2000). Esta é definida como um período no desenvolvimento sexual de homens e mulheres, caracterizado pela capacidade de procriação (maturação sexual), ou seja, o aparecimento das características sexuais secundárias, como o crescimento corporal e a mudança de voz. Estas modificações corporais são o início das mudanças psicológicas e da adaptação social que também definem essa fase. O fim da adolescência chegaria com a entrada no mundo adulto, com amadurecimento físico e entrada no mercado de trabalho.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) adolescente é aquele jovem delimitado entre doze e dezoito anos de idade. Já para a Organização Mundial de Saúde (OMS), adolescência compreende a faixa etária dos dez aos dezenove anos. Apesar de não coincidirem quanto à idade de início e término desta etapa de desenvolvimento, ambas são adotadas pelo Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2007).

Pode-se notar que há certa distinção entre puberdade e adolescência, sendo que a primeira denota as transformações biológicas que caracterizam de forma tão visível o corpo do adolescente, já a adolescência é fundamentalmente psicossocial (Levisky, 2009). É importante notar que as transformações biológicas, físicas e sociais não ocorrem de forma simultânea e linear, demonstrando como esta fase é realmente única e individual.

Iezzi (2013) afirma que o desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes perpassa a história da humanidade, envolvendo o momento econômico, social, político e cultural, além das condições familiares (valores morais) e da convivência diária com os pares.

É de extrema importância uma visão panorâmica desta etapa do desenvolvimento, pois as características da adolescência hoje diferem significativamente da adolescência de décadas atrás.

Atualmente, percebe-se esta fase do desenvolvimento muito associada às tecnologias, à utilização de computadores, celulares, *tablets* que podem dificultar a aproximação física entre os adolescentes, levando a uma ilusão de compromisso e ao afeto muito virtual e frágil. A sociedade neoliberal, que se volta demasiadamente para mercado e consumo, envolvida em questões tecnológicas e de mudanças de padrão social, expõe o adolescente à grande vulnerabilidade social (Frota, 2007).

D'Andrea (1994) relata que as transformações da puberdade exigem do adolescente uma profunda reorganização psíquica, pois as alterações físicas e emocionais são exacerbadas. Segundo Aberastury e Knobel (2011) o adolescente realiza três lutos simbólicos: o luto pelo corpo infantil perdido, o luto pelo papel e a identidade infantis e o luto pelos pais da infância. Assim, a elaboração destes lutos conduz a aceitação do papel que a puberdade lhe destina. Diante de tantas alterações internas e externas (o mundo social também exige do jovem novas formas de convivência), o jovem tem de entender essa sua nova forma de ser no mundo.

Ademais, Biazus e Ramires (2012) acrescentam que, além de passar a ter um novo corpo, que exige do jovem uma nova identidade, há também a passagem da esfera familiar à esfera social. Por esta nova imagem ainda estar em construção, o adolescente perde suas referências e representações de si mesmo, parecendo estar à deriva, perdido.

Com os lutos simbólicos vividos nesta fase, a perda de algo conhecido e a angústia frente ao novo, pode haver medo, tristeza e solidão. Saindo deste local seguro e protegido, que foi sua infância, as possíveis idealizações caem por terra (Rodriguez, Kovács, 2005), demonstrando ao jovem que crescer requer esforços e habilidades novas.

Levisky (2009) afirma que, independente do âmbito social em que o jovem está inserido, “a adolescência será sempre um período de crise e desequilíbrio (p.26)”. E que, apesar da visível mudança física que ocorre com os adolescentes, a maturação psicossocial, afetiva pode estar aquém de todo desenvolvimento biológico, estando o adolescente com um corpo quase adulto e uma mentalidade infantil.

Os lutos simbólicos são cercados de múltiplos sentidos, marcando a vivência de todo ser humano. Podemos citar o luto por perdas físicas (funções fisiológicas, órgãos sensoriais, mutilações, entre outros) que podem preceder a morte de um ente querido; o luto pela perda do amor do objeto (muito característico da fase adolescente de namoros); a perda do ideal que construímos sobre alguém (perda da ilusão), e diversos outros.

Acrescido destes lutos simbólicos, a vivência de uma morte real e significativa dentro de seu contexto social pode trazer para o jovem uma carga de sentimentos de perda mais evidenciados do que para outra fase de desenvolvimento exatamente por este período ser de desequilíbrio e instabilidade. Já acrescido de tantas demandas físicas, psíquicas e sociais, o processo de luto no adolescente pode exigir uma elaboração maior, findar com as estruturas defensivas e precipitar respostas extremas (Domingos; Maluf, 2003).

A família que enfrenta um processo de luto necessita de uma nova organização e ajustamento, construindo-se assim uma nova identidade, um novo nível de equilíbrio. Esta nova adaptação requer tempo para ser realizada, pois os novos papéis exigidos pela morte na família requerem uma demanda de ordem emocional e relacional (Franco, 2011).

A autora supracitada ainda ressalta que o luto se iniciará de acordo com a relação prévia existente entre o enlutado e o falecido, esta relação determina como ocorrerá o luto e qual será a sua duração, pois os recursos utilizados para a elaboração são proporcionais à qualidade do vínculo anteriormente existente. Assim, vínculos de dependência ou ambivalentes são quadros de difícil elaboração.

Para os adolescentes, o luto é resposta à quebra do vínculo afetivo, mas se a perda é de uma pessoa que para eles tem valor de sobrevivência, pode-se desencadear forte ansiedade (ansiedade de separação) e influenciar os sujeitos em suas perdas e vínculos futuros (Bowlby, 2004).

A morte de um dos pais na adolescência muda a dinâmica da responsabilidade na família e vida cotidiana (Levenfus, Nunes, 2010). A nova forma de ser e estar em família sem um de seus membros reorganiza papéis e funções estabelecidas, acarretando ao adolescente a necessidade de encontrar-se nesta nova formação.

Worden (1998) destacou a ligação das reações emocionais do filho em relação à morte de um dos pais com a postura do pai sobrevivente e de outros adultos. A grande mudança das dinâmicas familiares advinda da perda de um de seus membros pode ocasionar rupturas de relacionamentos entre a família e dificuldade de contenção mútua de sentimentos, por abalar tanto o pai sobrevivente como o filho.

São vários os fatores que influenciam a reação do adolescente à perda de um dos pais, sendo alguns especialmente importantes, como: relacionamento com a pessoa que morreu, tipo de morte (súbita ou prolongada), personalidade do adolescente (vulnerabilidade pessoal), gênero, força e segurança do apego (Parkes, 1998). Também é essencial o curso dos acontecimentos posteriores à morte para que o processo de luto seja elaborado, como por exemplo, o apoio social. Neste momento, a escola pode ser provedora de acolhimento ao

adolescente, auxiliando-o a passar mais integrado por este momento ou ser indiferente aos acontecimentos da vida do jovem.

O trauma provocado pela morte de um dos pais pode fragilizar o ego do adolescente, muitas vezes requerendo dos adultos que o cercam a função de “sustentar” a dor vivida, através do estar junto com o adolescente, validando seus sentimentos, muitas vezes confusos e ambíguos. É importante que as pessoas que convivem com o adolescente enlutado possibilitem a expressão deste momento, podendo ser através de palavras, choro, desespero, medo.

Os mecanismos de enfrentamento são definidos por Turato (2005) como “estabelecimento teórico da luta e adaptação frente a traumas psicológicos ou estresse ambiental (coping), baseadas em escolhas pessoais, que aumentariam o controle sobre comportamentos adversos ou melhoraria seu conforto psicológico” (p. 541). Os relacionamentos posteriores à perda e à expressão da dor são fatores importantes para que a fase do luto seja transcorrida de maneira integrada.

Algumas reações são esperadas e consideradas naturais diante da perda de um ente querido e podem ser agrupadas em quatro categorias: sentimentos (alguns deles sendo tristeza, raiva e hostilidade, ansiedade, solidão, torpor, choque), sensações físicas (distúrbios alimentares e do sono, suscetibilidade a doenças), cognições (descrença, dificuldade de atenção e concentração, confusão mental, alucinações entre outros) e comportamentos (agitação, choro, suspiro) (Wordem, 1998). Todos esses sentimentos podem influenciar o desempenho do adolescente na rotina escolar, mas principalmente a categoria relacionada a cognições pode evidenciar a influência do processo de luto na dificuldade de cumprimento das questões acadêmicas.

O luto por si só é um evento estressor. A manifestação do luto em adolescentes, devido a sua época de desenvolvimento ser de indefinição e vulnerabilidade, aumenta a possibilidade de complicações desse processo, sendo algumas destas: a melancolia, em que há uma identificação com o objeto perdido e rebaixamento da autoestima; o luto patológico, caracterizado por um aumento dos processos do luto normal; a mania, em que há uma negação da dor, com aumento da energia física, psíquica e rejeição de contato com elementos físicos ou mentais que lembrem a perda ocorrida.

A adolescência traz consigo características bem definidas de comportamento, como a crença de que os jovens estão “salvos” de qualquer tipo de acontecimento ruim. Uma forma de representar a onipotência típica desta fase é o sentimento de invulnerabilidade. Com o

desmoronamento desta ideia tão estruturante da personalidade dos adolescentes, a morte de uma pessoa significativa poderá abalar alicerces vitais da construção dessa nova identidade.

Apesar da consciência do adolescente de que já pode provocar a morte de alguém e que esta é irreversível, a realização de atividades perigosas reforçam a ideia ilusória de que são poderosos e de que a morte está distante (Rodriguez e Kovács, 2005).

Rodriguez (2010) ressalta o envolvimento frequente dos adolescentes em situações de risco, como acidentes, comportamentos autodestrutivos e violência. Mota (2008) aponta outros perigos, como a abundante oferta de sexo, drogas e álcool. A crença de que a idade os torna inunes a qualquer tipo de acontecimento ruim acaba por levá-los, em muitos casos, à exposição a perigos desnecessários. Estes sentimentos de onipotência, invulnerabilidade e imortalidade, típico desta idade, demonstram negação da realidade e precisam ser transformados em conscientização (Kóvacs, 2012).

Kubler-Ross (2008) relata que o homem tenta se defender do medo crescente da morte e de sua incapacidade de prevê-la e que, em nosso inconsciente, não conseguimos conceber nossa própria morte, acreditando em nossa imortalidade. Cita que as crescentes guerras, criminalidade e tumultos são sintomas da incapacidade do homem em enfrentar a morte de maneira digna. Todos estes sentimentos tratados de maneira universal por Kubler-Ross, são exacerbados no adolescente.

Sintetizando, o luto e a adolescência são períodos de intensa crise de identidade. Crise relaciona-se à ideia de desestruturação e reestruturação da personalidade (Bohoslavsky, 1977). Assim, como diz Parkes (1998), as pessoas, durante a experiência do luto e após sua resolução, desenvolvem uma nova identidade. Já, com os adolescentes, as modificações corporais e psíquicas caracterizam uma nova forma de perceber-se e olhar o mundo ao seu redor.

Segundo Paz (1986), o conflito básico da crise do adolescente é a elaboração do vínculo de dependência simbiótica. O adolescente passa a se diferenciar de sua família, tentando encontrar a sua própria identidade, ao mesmo tempo, procura estabelecer novamente este vínculo, o que é visto em sua devoção a ídolos, namorados, amigos. A tentativa de restaurar a situação original com a adesão a substitutos aleatórios dos primitivos objetos parentais (Osório, 1995) pode incluir também o professor. O papel deste no auxílio no momento de reorganização e adaptação a novos vínculos pode ser importante e trazer uma referência, na rede de apoio social, essencial à elaboração do processo de luto.

O trabalho interno para a elaboração do luto é intenso e desgastante, o que pode produzir no jovem perda do interesse pelo mundo externo, desânimo intenso e generalizado, inibição das atividades e perda da capacidade de se cuidar. É um processo lento e doloroso.

Com a necessidade de sentir-se pertencendo a um grupo, o adolescente, em muitos aspectos, considera a aprovação pelos colegas mais importante que a influência dos pais. Ainda que esteja frente a situações que colocam em cheque tudo que foi aprendido até esta fase, o jovem pode ir contra si mesmo para pertencer ao grupo (Jersild, 1961). Esta necessidade de pertencimento é vista de maneira muito clara no ambiente escolar, em que o jovem se relaciona com iguais.

2.4 Morte e luto na escola

Pensar em associar a morte e o luto a um local em que é enfatizada a possibilidade de aprendizagem, de encontro com pessoas da mesma idade e de vivências de integração e descontração pode parecer, aos olhos dos alunos, professores e funcionários um pouco mórbido. Mas não é isso que vemos em massacres que ocorrem dentro desta instituição de ensino. Um dos mais marcantes e impactantes (possivelmente por iniciar uma onda de outros casos) foi na Escola de Columbine, nos Estados Unidos, em que um atirador matou 13 pessoas e feriu outras 21. Depois vieram os casos de Realengo, Sandy Hook, entre outros.

Domingos (2000) enfatiza a importância de se incluir em cursos e treinamentos profissionais de diversas áreas (educação, saúde), podendo-os levar a uma melhor compreensão da temática da morte e do luto, pois todas estas carreiras lidam com pessoas que sofreram perdas. Principalmente no período em que enfrentamos um grande aumento da violência, assassinatos e mortes de jovens por imprudência, a morte entrou pelo portão da frente das escolas como um componente permanente desta instituição.

Ainda neste autor, também há um apontamento de uma possível relação entre o pouco interesse de pesquisa em morte e luto e o lugar em que a morte é colocada na atualidade – antes vista como familiar e agora afastada do nosso dia a dia – “a morte é proscrita da vida” (p. 19).

O ambiente escolar não está imune a toda violência e medo que ronda toda a nossa sociedade. Muitas vezes, até pode incitar comportamentos destrutivos, através de prática de *bullying*, cobrança exagerada por resultados e falta de apoio ao aluno. Assim, não tornar a

escola um espaço em que os alunos possam se sentir acolhidos e seguros é uma forma de tornar qualquer dificuldade que seus alunos apresentem - desde problemas familiares até a morte de um ente querido - em algo ainda maior e mais difícil de ser enfrentado.

A mídia atual, com toda sua rapidez e agilidade de informações, traz para o público notícias de violência e morte, podendo tornar algo extremamente perturbador e mobilizador em algo banal (Kovács, 2012). Os jovens, tendo acesso a todo este arsenal de notícias, podem ser induzidos a crer que a morte é um evento fácil de lidar e de superação rápida.

Apesar de ser um tema que invade todos os campos da vida do ser humano, a morte é pouco discutida na escola (Kovács, 2010a) e ainda é considerada evento particular, devendo permanecer no âmbito doméstico.

Em um estudo que avaliou as perdas e as formas de enfrentamento dos adolescentes, além de avaliar como era a postura da escola com esta situação, Domingos (2000) percebeu-se que a escola tinha problemas em lidar com os alunos enlutados, não tendo espaço para o acolhimento deles. Estes, então, relataram como fonte de apoio os colegas e disseram não perceber a escola receptiva ao seu pesar.

Kóvacs (2010a) relata dados da pesquisa “A questão da morte nas instituições de saúde e educação. Do interdito à possibilidade de comunicação entre profissionais de saúde e educação” que, embora a maioria dos professores respondesse que o tema da morte é importante e interessante, não se considerava preparada para lidar com o tema no cotidiano escolar. Essa maioria relatou também dificuldades em abordar questões religiosas e que, muitas vezes, os pais dificultam a abordagem do tema.

O projeto “Falando de Morte” (Kovács; Esslinger; Vaiciunas; Bromberg; Marques, 1994/2004) veio através do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Rodriguez, Kovács, 2005), trabalho inédito no Brasil, pelo modo como se tratou deste tema tão evitado e negligenciado (Domingos, 2000).

Um dos aspectos abordados neste projeto é compreender como os adolescentes relacionam-se com o tema da morte e isso foi percebido através de um vídeo “Falando de Morte com o Adolescente”. Este projeto ainda visa discutir a temática morte com crianças (“Falando de Morte com a Criança”), com idosos (“Falando de Morte com Idosos”) e com profissionais de saúde (“Falando de morte com Profissionais de Saúde”), propondo a comunicação e troca de experiências, o que pode trazer alívio (Rodriguez, Kovács, 2005) para esta questão pouco discutida na atualidade.

Apesar de este projeto estar voltado principalmente para a autodestruição na fase da adolescência (drogas, álcool, suicídio), em que o exagero e a irresponsabilidade podem transformar-se em morte, o vídeo discute a perda e como ela está presente dentro da vida dos jovens. Um dado importante desta pesquisa aponta para a diferença de percepções dos adolescentes e dos profissionais da educação que assistiram ao vídeo. Para estes, o vídeo trazia cenas fortes (suicídio e uso de drogas), já a opinião dos jovens trouxe uma visão amena, inclusive relatando que estes esperavam algo mais chocante (Rodriguez & Kovács, 2005). Percebe-se então que, para alcançar os adolescentes, é preciso “olhar o mundo com seus olhos”, pois só assim será possível obter resultados satisfatórios com eles.

Ainda para estas autoras, os resultados dessa discrepância entre as opiniões dos jovens e dos educadores pode mostrar o receio da escola em tratar deste assunto, por não ser uma questão discutida com frequência pela escola, além de sentirem-se limitados em oferecer ajuda caso haja mobilização de emoções. Outro fator importante relatado é a opinião dos pais, já que a temática não faz parte da grade curricular.

A escola é um importante palco da socialização dos adolescentes e, segundo Novaes (1980), essa instituição demonstra de maneira clara as situações de problemática emocional com o comprometimento não só da capacidade de atenção como também de raciocínio, concentração e sobretudo de relacionamento. A escola é a experiência organizadora central na vida da maioria dos adolescentes (Papalia, Olds, 2000).

Para Camargo (2014), há um novo modo de pensar a infância e adolescência, com novos contextos sociais e culturais, envolvidos pelas tecnologias que necessitam de formas de pensar diferentes, tanto por parte dos pais, como por parte da escola. Este autor relata que as famílias numerosas, que almoçavam juntas todos os dias e que assistiam à noite aos programas na única televisão que tinha na casa não existem mais. Nesta época, “escolas instruíam, famílias educavam”(p.40).

O autor supracitado considera que a parceria família/escola precisa acontecer, pois uma parte precisa da outra, mais do que nunca. Só com um diálogo honesto, explícito e prático, podem-se juntar forças para fazer da escola um local de desenvolvimento integral dos alunos. Mas esta parceria não é caracterizada por transferências de responsabilidades. Não é o intuito desta ligação mais estreita entre família/escola encarregar os professores de tudo o que ocorre com os alunos. Mas também não é possível uma educação de qualidade alienada dos acontecimentos significativos e extremantes relacionados ao dia a dia da escola que envolve os alunos.

Atualmente é considerado papel dos educadores desenvolver os alunos e fornecer informações. A escola pode propiciar inúmeras transformações individuais ao estimular posturas críticas e reflexivas sobre a realidade e o conhecimento humano, valorizando, assim, as esferas cognitivas, afetivas, familiares, profissionais, políticas, éticas e sociais (Rodriguez, 2010, p. 77).

Para Sukiennik *et al*, (2000), o sistema de educação necessita trabalhar com prevenção, permitindo ao aluno desenvolver-se de maneira integral e interceder com encaminhamentos para avaliações psiquiátricas ou psicológicas, quando notarem possíveis alterações substanciais.

Para o autor supracitado, os educadores podem ser grande referencial para possibilitar ao adolescente um meio de expressar sua dor pela morte de um ente querido, inclusive encaminhando-os a atendimentos especializados. Em alguns casos, os pais sobreviventes podem não dar conta de ajudar seus filhos a passarem pelo luto (Franco, 2011), enfatizando neste momento a importância do ambiente social do aluno para dar apoio a este jovem, que se encontra desamparado.

Esta autora ainda ressalta que muitos pais podem ignorar a dor do enlutado e este pode procurar fora do sistema familiar uma forma de chamar a atenção para seu pesar. A escola é um desses lugares que podem ser de suma importância para propiciar um acolhimento que não existe dentro de casa pela falta de condições dos outros membros da família, que muitas vezes não conseguem compreender a própria dor, e conseqüentemente, nem a dor do outro.

Endossando o citado, Bowlby (1990) enfatiza que na adolescência, uma parcela do comportamento de apego é dirigida, não apenas para pessoas de fora de seu grupo familiar, mas também a instituições, como a escola. Nestes casos, o desenvolvimento do apego a este grupo é mediado por uma figura de destaque deste grupo, que pode ser o professor. Nota-se a importância desta figura para o jovem, desde que este possa entrar no universo do adolescente.

O desempenho escolar pode sofrer mudanças relativas ao processo ensino-aprendizagem, pois a necessidade de lidar com o luto pode bloquear aspectos determinantes na apreensão de conteúdo das aulas, além de poder influenciar questões pedagógicas de uma maneira geral, como disciplina em sala de aula. É necessário perceber se a escola, além de atentar para conteúdos de transmissão de conhecimento, consegue lidar com as questões emocionais dos alunos (Domingos, Maluf, 2003).

Rodriguez (2010) aponta que, apesar da frequência importante de eventos traumáticos na vida do jovem (mortes prematuras, violentas), as escolas disponibilizam pouco espaço para

acolher esses sentimentos de perda, muitas vezes por não acreditarem estarem preparadas para auxiliar o aluno neste momento de intenso sofrimento.

Cognitivamente, o adolescente tem condições de compreender aspectos da morte como a universalidade e a irreversibilidade, dando respostas lógicas formais, que podem auxiliar na resolução do luto (Kovács, 2010b). Apesar de estar mais apto intelectualmente do que uma criança para lidar com a morte, o adolescente enfrenta desafios singulares por sua fase de desenvolvimento e isto pode exigir do jovem mais recursos para lidar com o luto (Domingos, 2000).

A assistência de uma pessoa confiável é fator decisivo para auxiliar o adolescente enlutado (Domingos, 2000). Assim, um momento de perda pode se tornar uma possibilidade de conhecer-se e tornar-se uma pessoa mais integrada e emocionalmente madura.

3 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo é compreender a vivência do adolescente enlutado em consequência da morte de um dos pais, há menos de um ano, e as repercussões dessa perda na escola.

4 RECURSOS METODOLÓGICOS

4.1 O método clínico-qualitativo

A pesquisa foi realizada através do Método Clínico-Qualitativo, definido como:

(...) o estudo e a construção dos limites epistemológicos de certo método qualitativo particularizado em settings da Saúde, bem como abarca a discussão sobre um conjunto de técnicas e procedimentos adequados para descrever e compreender as relações de sentidos e significados dos fenômenos humanos referidos neste campo. (Turato, 2011, p.240).

Assim, neste método de pesquisa, a base para qualquer atuação é o sentido e o significado dos fenômenos, que são obtidos através do contato com os sujeitos de pesquisa e, posteriormente, as interpretações desta interação. *Fenômeno* é caracterizado como aquilo que se mostra, que se revela, (o que é percebido física ou psiquicamente); *sentido* é visto como a percepção que o sujeito tem, que inclina para determinado ponto, para onde o pesquisador deve dirigir seu olhar; e *significado* é representação, o querer-dizer das coisas (Turato, 2011). Sentido tem por objeto a própria coisa, enquanto significado tem por objeto o que esta coisa representa, o que ela quer dizer.

As experiências vivenciadas pelo pesquisador tornam-se fonte de importantes observações da pesquisa, juntamente com o acolhimento das angústias e ansiedades suscitadas. Então, a inquietação do pesquisador é a propulsão para indagações dos fenômenos, com o intuito de compreender as questões humanas.

As angústias e ansiedades inerentes ao ser humano devem ser valorizadas e percebidas nas pessoas entrevistadas, sendo que esses sentimentos devem também ser o motor que impulsiona o pesquisador, que, sentindo-se incompleto e perturbado, torna-se inconformado e se lança para pensar e criar. Quem está conformado com seus próprios entendimentos do mundo, não busca respostas, nem cria conhecimento e respostas, salienta Turato (2011).

O autor ainda define angústia como “uma entidade mais relacionada com vivências atuais e passadas, enquanto a ansiedade é algo expectante, isto é, voltado para o futuro, embutindo uma sensação de perigo potencial vindouro” (p. 254).

Um aspecto importante deste método é a bricolagem, que reforça a importância de ser o pesquisador o próprio instrumento de estudo. Esta aponta para a habilidade de interpretar as

diversidades de dados que poderá se apresentar (Scoz, 2012), produzindo a teoria de fragmentos encontrados em campo, reconstituindo-o para a construção de um novo pensamento – formado da experiência do pesquisador e da multiplicidade de referenciais teóricos que o norteiam (Bassora *et al*, 2010). Estes fragmentos não necessariamente estariam ligados ao projeto original. Então a busca por pormenores de uma realidade complexa é característica indispensável.

Outras características importantes do Método Clínico-Qualitativo são, segundo Turato (2000):

- O ambiente natural é o local correto para a coleta de dados, já que o contexto físico-estrutural resguarda características incontáveis do sujeito em estudo;
- O processo é norteador do interesse do pesquisador, sendo que a pergunta “como” deve ser mais utilizada do que “por que”, pois a primeira leva a busca de raciocínios e causalidades múltiplas e não a uma relação causa-efeito (ocupa-se mais do processo do que do produto);
- Raciocínios indutivos, ou seja, parte-se do particular para o geral, pois estudando individualidades profundamente, acrescidas das teorias, desagua-se na construção de uma teoria densa e plausível;

Uma ampla definição do método clínico-qualitativo é feita por Turato (2011) da seguinte forma:

A partir das atitudes existencialista, clínica e psicanalítica, pilares do método, que propiciam respectivamente a acolhida das angústias e ansiedades do ser humano, a aproximação de quem dá a ajuda e a valorização dos aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo, este método científico de investigação, sendo uma particularização e um refinamento dos métodos qualitativo genéricos das ciências humanas, e pondo-se como recurso na área da psicologia da saúde, busca dar interpretações a sentidos e a significações trazidos por tais indivíduos sobre múltiplos fenômenos menos pertinentes ao campo do binômio saúde-doença, com o pesquisador utilizando um quadro eclético de referências teóricas para a discussão no espírito da interdisciplinaridade (Turato, 2011, p. 242).

4.2 Aspectos éticos

Ao pensar nas entrevistas com pessoas enlutadas, sensíveis e abaladas pela perda, pode parecer inapropriado o contato para falar sobre essa dor. Seria invasivo convidar adolescentes para falar da morte de um de seus genitores e sobre as repercussões em sua vida?

Inicialmente, pode-se até pensar que os sujeitos imediatamente recusariam o convite, mas nenhuma recusa aconteceu, pelo contrário, houve interesse imediato de todos os participantes. Isso pode ser explicado por Camargo (*apud* Turato, 2011), ao ressaltar que o ato de conversar sobre a própria vida pode levar o indivíduo a reestruturá-la, fazendo-o repensar eventos nela ocorridos, concedendo-lhe sentidos novos.

Corroborando a ideia, Franco (2010) cita que a participação na pesquisa pode causar sofrimento, porém, pode transformar-se em uma experiência terapêutica, devendo este ser um ponto relevante a ser considerado pelo pesquisador. Assim, é fato que o enlutado está em condições de maior vulnerabilidade, entretanto, podem utilizar deste encontro como uma forma de elaborar a perda.

Em suas entrevistas para compreender melhor o luto, Parkes (1998) relata que as viúvas, em sua maioria, “pareciam agradecidas pela oportunidade de falar com liberdade sobre os problemas que as perturbavam e os sentimentos que as preocupavam” (p. 46).

Um fator importante é a clareza que o entrevistado deve ter em relação à possibilidade de deixar a entrevista e receber cuidados, se por acaso houver o desencadeamento de lembranças e situações por demais dolorosas (Franco, *apud* Parkes, 2010).

Na fala abaixo, salienta-se o cuidado necessário que o entrevistador deve ter com o adolescente, seguindo a direção do acolhimento e respeito à sua dor:

O luto é uma das experiências mais estressantes que podemos enfrentar e todas as pesquisas nesse campo precisam ser realizadas com sensibilidade e tato. Isso posto, cabe dizer que muitas pessoas enlutadas gostam de compartilhar seus pensamentos sobre uma experiência tão importante e também que pesquisadores de boa-fé, claros acerca de suas intenções e respeitosos aos desejos das pessoas enlutadas, geralmente perceberão o quanto elas desejam ajudá-los (Parkes, 2009, p. 52).

O projeto de pesquisa em questão foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (EERP/USP), através da Plataforma Brasil. A aprovação do projeto ocorreu em novembro de 2012, conforme anexo 1.

Foi redigido um Termo de Assentimento para os adolescentes menores de dezoito anos – (conforme Apêndice 1) e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisa com Seres Humanos para os adolescentes maiores de dezoito anos (conforme Apêndice 2). Além disso, foi feito também um Termo de Autorização para os responsáveis pelos adolescentes menores de dezoito anos (Apêndice 3).

4.3 Técnica para coleta de dados

A técnica utilizada para a realização desta pesquisa foi a entrevista semidirigida de questões abertas, acrescidas da observação e auto-observação de fenômenos emergentes no *setting* da entrevista. Assim, a entrevista:

(...) é um instrumento precioso de conhecimento interpessoal, facilitando, no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos, de elementos de identificação e construção potencial do todo da pessoa do entrevistado, e, de certo modo, também do entrevistador (Turato, 2011, p.308).

O autor supracitado aponta algumas características que devem ser examinadas atentamente quando do emprego da técnica:

- É uma **relação assimétrica**, sendo que o pesquisador é detentor do saber científico e o entrevistado é receptor desta abordagem técnica;
- Há **emergência parcial da personalidade** do entrevistado, pois há uma impossibilidade de manifestações totais de sentimentos, pensamentos e posturas;
- As **ansiedades psicológicas normais** são vistas em ambos, entrevistador e entrevistado, por se tratar de uma situação desconhecida e perigosa ao ego;
- A **ansiedade como termômetro** torna possível a manifestação de oscilações emocionais que apontam para questões investidas de afeto;
- As **interposições propositais de liderança do entrevistador**, quando há um pedido de prolongamento da fala do entrevistado para clarear pontos obscuros;
- O **discurso com livre associação de ideias**, respeita qualquer manifestação do entrevistado, advindas de estímulos internos ou externos a si;
- As **questões abertas** são indagadas e colocadas pelo entrevistador, mas a resposta é devolvida organizada pelo entrevistado;

- Há uma importante **valorização da transferência**, considerando-se sentimentos e atitudes inconscientes do entrevistado, que acontecem na relação singular estabelecida com o entrevistador;
- Existem as **transferências positivas e alternantes**, definidas como as transferências positivas e negativas esperadas e normais frente a características inseparáveis ao entrevistador;
- Ocorre a **revisão da vida pessoal**, tanto do entrevistado quanto do entrevistador, e
- A entrevista é guiada pelo **princípio gestáltico**, ou seja, as manifestações do entrevistador e do entrevistado são partes da configuração de um todo.

Assim, enfatiza-se a importância de se ter:

(...) uma postura de acolhida das angústias e ansiedades inerentes a todos os seres humanos; uma aproximação própria de quem já trabalha na ajuda terapêutica; e a escuta e a valorização dos aspectos psicodinâmicos mobilizados, sobretudo na relação afetiva e direta com os sujeitos sob estudo (Turato, 2005, p.510).

Então, a entrevista como técnica de investigação central deve-se ao fato de que a personalidade de todo ser humano é organizada de acordo com um vasto repertório de possibilidades, e é este repertório que se espera encontrar na entrevista (Bleger, 1991). Portanto, lidar com o ser humano e esperar que haja uma linearidade e previsão de acontecimentos é impossível. A entrevista semiaberta abre campo para o adolescente expressar sua dimensão psíquica e particularidades de acordo com suas condições e interesse.

As perguntas devem ser realizadas de maneira indireta, procurando ao máximo não influenciar respostas através de colocações, posições corporais ou expressões. Por exemplo, se houver algumas dúvidas sobre o que foi relatado, deve-se questionar “Fale mais sobre isso”, ou até mesmo “Dê exemplos”, “Explique melhor”. Assim, dá-se liberdade para o entrevistado relatar da maneira mais espontânea possível a sua experiência e possibilita uma apreensão dos conteúdos de maneira mais verídica.

Scoz (2012, p.65) apoia: “Na pesquisa qualitativa, o instrumento utilizado é apenas um recurso de aproximação: sua aplicação e interpretação ocorrerão fortemente apoiadas sobre as condições pessoais do pesquisador”.

4.4 Procedimento para coleta de dados

O **processo de aculturação**, definido por Turato (2011, p.344) como “o processo de assimilar ideias e costumes de uma sociedade para a qual migramos e na qual ficamos imersos temporariamente”, iniciou-se a partir do momento em que foi realizado o primeiro contato telefônico com as escolas. Assim, as observações e informações obtidas em todo o processo de coleta de dados foram essenciais para que eu pudesse me ambientar nas escolas e estabelecer relações com diretores, funcionários e posteriormente com os adolescentes.

Para a operacionalização da pesquisa, Turato (2011, p.322) ainda afirma que “(...) o próprio mentor do projeto deve ir a campo para colher os dados, ou seja, ser o responsável direto tanto pela fase preparatória da pesquisa quanto pela seguinte, a fase de trabalho em campo”.

Em todas as escolas, foi apresentada a autorização para a realização de pesquisa assinada pela Dirigente Regional de Ensino Sra. Simone Maria Locca, da Secretaria de Estado da Educação - Diretoria de Ensino, Região de Ribeirão Preto (Anexo 2).

Inicialmente, foi estabelecido contato com duas escolas públicas de Ribeirão Preto. Em ambas, foram realizadas explanações sobre a pesquisa para os professores do Ensino Médio.

Na escola A, os professores relataram dois possíveis sujeitos para a pesquisa, mas ambos estavam fora dos critérios de inclusão (o primeiro por estar cursando a sexta série e o segundo devido a nunca ter residido com o pai falecido).

Na escola B, fui convidada a entrar nas salas de aula, com o objetivo de falar sobre o projeto de pesquisa e identificar possíveis sujeitos. Conforme agendamento, compareci à escola e fui recebida pelo coordenador. Ele disse não acreditar que haveria alunos que se encaixassem em minha pesquisa. Este profissional trabalha há muitos anos nessa escola e relatou não se lembrar da ocorrência de perda da mãe ou pai de alunos. Mesmo assim, apresentou-me para o inspetor de alunos, que me conduziu as salas de aula do Ensino Médio.

O inspetor de alunos solicitava licença para os professores com a seguinte fala: “Professor, por favor, recado da USP”. Julguei bastante interessante esta abordagem, pois demonstra como a Universidade tem crédito com os professores e com a coordenação. A minha fala resumia-se em: *“Bom dia a todos, meu nome é Marina, sou psicóloga e estou desenvolvendo um estudo sobre o luto, sobre como é difícil para qualquer pessoa perder alguém de que gosta. No meu mestrado pela USP, estudo principalmente a morte do pai ou*

da mãe de adolescentes e se há influência desta perda na vida do adolescente na escola, no seu desempenho, na sua concentração, entres outros aspectos. Se houver alguém nesta sala que está passando por este momento e queira conversar comigo, vou deixar meu e-mail na lousa e amanhã estarei aqui na escola para conversar com quem quiser. Esta conversa será sigilosa, ninguém ficará sabendo sobre o que foi conversado ou com quem conversei. E também não há custo pra quem quiser participar. Meu número de telefone está com o coordenador, se quiserem me telefonar é só pedir para ele. Obrigada pela atenção.”

Na maioria das salas de aula, os alunos ouviam atentamente o recado. Mas houve situações interessantes que merecem destaque. Logo na primeira sala de aula em que entrei, um aluno do primeiro ano do Ensino Médio perguntou: “Pode ser a morte do meu animal de estimação?”. Todos os alunos começaram a rir, e eu respondi sorrindo que não, que era apenas o pai ou a mãe. Pude pensar em dois aspectos importantes que foram considerados na minha discussão deste trabalho. Primeiro, pareceu-me uma tentativa do aluno em se destacar entre os colegas, chamando a atenção para si, importante característica de adolescentes. E também a dificuldade em se falar sobre a morte, também no ambiente escolar. Talvez por haver um impacto ao ouvir falar sobre luto e perdas, o adolescente brinca, não levando o assunto a sério, talvez se defendendo.

Em outra sala de aula, uma aluna questionou-me se somente poderia conversar comigo se tivesse perdido alguém. Eu disse que não, que seria um prazer conversar com ela, mesmo não tendo tido uma perda na família. A aluna me agradeceu.

Por fim, ao terminar a fala em todas as salas, um aluno me procurou e relatou que minha pesquisa é interessante, mas que ele acredita que a perda do pai na infância é mais difícil de superar do que na adolescência. Ele relatou ter perdido o pai quando tinha cinco meses e acredita que a falta de uma figura masculina em sua vida foi decisiva para ter se tornado homossexual. Perguntei o que tinha acontecido com o pai dele e ele disse que ele era policial. Eu disse que era muito difícil a perda de alguém tão importante, agradei sua contribuição, dizendo que ele me deu uma boa ideia para o meu doutorado. O aluno sorriu e saiu.

Bowlby (2006) ressalta que, condizente com o comentário do aluno, as perdas ocorridas durante os primeiros cinco anos de idade são extremamente arriscadas para o desenvolvimento posterior da personalidade, contudo também são perigosas as perdas ocorridas mais tardiamente. As perdas em qualquer período da vida são difíceis e, em cada fase do desenvolvimento, há repercussões diferentes.

Alguns professores também fizeram comentários. Uma professora relatou o caso de uma aluna que tinha perdido a mãe e estudava no segundo ano do Ensino Médio. Agradei

sua contribuição e ela se dispôs a verificar com esta aluna se havia interesse em conversar sobre este assunto comigo. Nota-se neste fato uma questão extremamente importante sobre o luto dentro da escola: apesar de o coordenador e inspetor de alunos afirmarem não haver nenhum aluno que havia passado por perdas semelhantes na escola, a professora tinha esta informação. Deduzem-se dois aspectos relevantes: o fato de a professora saber da morte de um familiar de aluno e não informar a direção da escola e que os coordenadores desconheciam este caso. Esta referida aluna não me procurou no dia seguinte e eu entendi que ela não tinha interesse ou condições de participar desta pesquisa. Este fato demonstra que, possivelmente, a dificuldade em encontrar sujeitos pode ser pela falta de comunicação entre direção, coordenação e família, que provavelmente não acontece apenas nesta escola.

Outro professor citou uma professora da Universidade, disse ter feito aulas sobre luto na USP e relatou ter gostado muito. E por fim, outro docente elogiou o assunto da pesquisa e disse ser de extrema importância.

No dia seguinte, no horário combinado com os alunos, dirigi-me até a escola e conversei com o coordenador. Ele disse que ninguém o procurou. Fui então ao encontro do inspetor de alunos, o mesmo também disse não ter sido procurado por ninguém. Esperei até o término das aulas e fiquei observando a saída dos alunos, aguardando se haveria algum contato. Ninguém foi ao meu encontro ou enviou e-mail.

Ampliando minha esfera de busca, pesquisei todas as escolas de Ensino Médio de Ribeirão Preto e fiz contato telefônico com dez escolas, aleatoriamente. Pedia para falar com o coordenador, apresentava-me e explicava sucintamente sobre a pesquisa, objetivos e metodologia. Na maioria das vezes fui interrompida, solicitavam que fizesse contato por email, enviando o projeto de pesquisa.

Houve uma vice-diretora, da escola C (escola com uma média de 400 alunos), bastante interessada sobre o assunto da pesquisa e já no contato telefônico relatou conhecer uma adolescente que tinha perdido a mãe há algum tempo e ficou de verificar se a morte havia ocorrido em período menor de um ano. A mesma, após verificar, informou-me que a perda havia acontecido há onze meses. Fui até a escola e conversei com maiores detalhes com a diretora sobre a entrevista e o método, e sobre a necessidade de um local na escola para realização da entrevista. Por fim, mostrei a ela os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. A autorização para coleta de dados foi assinada (Apêndice 4).

A vice-diretora solicitou ao inspetor de alunos que chamasse a aluna Mara. A adolescente já havia sido informada sucintamente pela diretora sobre a pesquisa, pois quando foi questionada sobre o tempo de falecimento da mãe pela diretora, a aluna questionou o

porquê. Quando a vi pela primeira vez, percebi tratar-se uma menina muito simpática e receptiva. Apresentei-me, relatei brevemente sobre a pesquisa, li com ela os Termos de Consentimento (tanto o que necessitava da assinatura dela quanto o que necessitava da assinatura do pai). Ela não questionou os Termos e disse que já havia informado ao pai sobre a pesquisa, este disse estar de acordo, se fosse da vontade dela. Fiz a ligação telefônica para o pai de Mara, que prontamente aceitou assinar o Termo dizendo: “Se for desejo dela e for para ajudar, tudo bem”.

Mara então assinou o Termo de Consentimento, responsabilizou-se de entregar o outro para o pai e trazer assinado para que pudéssemos fazer a entrevista, que já ficou agendada para a semana seguinte.

Concomitantemente, na escola D (escola com uma média de 2600 alunos), o coordenador pedagógico relatou dois casos, indicando a sala em que os alunos estudavam. Neste momento, o coordenador pedagógico também assinou a autorização para coleta de dados na escola D (Apêndice 5).

Fui até a sala de aula, relatei sobre meu trabalho de pesquisa, convidei aos alunos a participarem. Um dos alunos mencionou que a morte do pai tinha ocorrido há três anos (fora do critério de inclusão) e o outro adolescente – Vitor – disse que perdeu o pai há mais ou menos onze meses (apresentava-se confuso, primeiro disse dois anos, depois disse que morreu perto do seu aniversário, depois concluiu que foi há um ano). Perguntei então se ele tinha interesse em participar deste projeto. Ele prontamente aceitou, pedi então o contato de sua mãe, que não se opôs à entrevista e esclareceu que o pai dele morreu havia onze meses. Marcamos um novo encontro em que Vitor trouxe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pela mãe, assinou o Termo de Assentimento para menores de 18 anos e então foi realizada a entrevista em uma sala de aula dentro da escola.

Quando retornei na primeira escola para fazer a entrevista com Mara, a diretora relatou outro caso de perda de mãe há menos de um ano. Informou que a aluna Daniela estava na escola e perguntou se eu queria falar com ela. Disse também que esta menina foi esfaqueada no final do ano por causa de uma briga. A diretora parecia assustada ao me contar isso e também demonstrava preocupação com a aluna. Além disso, o pai tinha falecido há um tempo maior – ela não sabia dizer-me há quanto tempo – e a mãe tinha falecido de câncer há menos de dez meses (na realidade, a mãe de Daniela havia falecido há 1 ano).

Procurei a aluna, convidei-a para a entrevista, ela aceitou dizendo: “Muito legal isso, quando meu pai morreu eu repeti o ano. As comemorações de Dias dos Pais eram tão difíceis.” Disse que poderíamos falar sobre isso com mais profundidade na entrevista. Liguei

para sua irmã mais velha, que era responsável por ela, esta autorizou a entrevista e assinou o Termo. Na entrevista, que foi agendada para a semana seguinte na sala da direção, Daniela assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de dezoito anos.

Todas as entrevistas foram gravadas digitalmente.

O local da realização das entrevistas foi uma sala na escola em que o adolescente estuda. Enfatizando ser de suma importância o ambiente natural do sujeito para coleta dos dados da pesquisa, Turato (2000, p.98) afirma que “a configuração ambiental engloba e preserva a configuração das incontáveis características da pessoa, alvo de nossos estudos”. Apesar de já haver um conhecimento prévio da pesquisadora sobre as escolas em questão, perceber a dinâmica incluindo o jovem em seu contexto traz muitos dados para a compreensão dos significados atribuídos pelos alunos ao seu ambiente de estudo.

Nas entrevistas foi utilizada uma ficha de registro de informações dos adolescentes, sendo uma primeira parte relacionada aos dados do encontro e outra relacionada à identificação do adolescente (Apêndice 6). Esta ficha foi preenchida pela pesquisadora, após a leitura do Termo de Assentimento.

A questão disparadora da entrevista semiaberta foi **“Você poderia me contar como tem sido sua vida?”**.

Domingos (2000) enfatiza que a questão disparadora é apenas um fio condutor e facilitador da comunicação de acordo com o que é o objetivo da pesquisa.

Após a entrevista, registrei em meu diário de campo minhas sensações, impressões e sentimentos de cada encontro. Afirma Turato (2011, p.320) “enquanto entrevistador, o pesquisador deve registrar tais elementos mobilizados em si mesmo, pois também trazem-lhe sentidos e significações, fazendo da auto-observação, ao lado da observação, um instrumento também auxiliar no estudo clínico-qualitativo”.

4.5 Amostra

Na pesquisa qualitativa, é importante que a amostra apresente uma homogeneidade de características individuais, implicando assim em uma restrita escolha de entrevistados, que apresentem características que foram definidas no princípio (Turato, 2011). Portanto, definiu-se, por sujeitos desta pesquisa, adolescentes que passavam pelo processo de luto devido à perda de pai ou mãe há menos de um ano, que frequentassem escolas públicas de Ensino

Médio do município de Ribeirão Preto e residiram com pai ou mãe falecidos em algum momento de sua vida.

Foram entrevistados três adolescentes com vivência de perda de um dos genitores, com idade entre 15 e 18 anos.

Nas descrições feitas, os nomes utilizados são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

A primeira entrevistada foi Mara, adolescente de 15 anos que cursava o segundo ano do Ensino Médio. Sua mãe havia falecido há 11 meses devido a complicações decorrentes de Toxoplasmose. A entrevista com Mara aconteceu na sala da diretoria da Escola, tendo a duração de quarenta e quatro minutos.

Alguns dias depois, realizei a entrevista com Vitor, 17 anos, que perdeu o pai havia 11 meses devido a um câncer no pulmão. Ele cursava o primeiro ano do Ensino Médio e sua entrevista foi realizada em uma sala de aula na escola onde estudava, com quarenta e cinco minutos de duração.

Posteriormente, Daniela, 18 anos, foi entrevistada na sala da diretoria de sua escola, sendo a duração de cinquenta e oito minutos. A morte de sua mãe devido a um câncer de útero tinha acontecido há um ano. Porém, durante a entrevista, fica nítido que o processo de luto de Daniela pela morte de seu pai ainda estava muito presente (seu pai faleceu de acidente de moto havia três anos).

Um dos critérios para a escolha dos jovens era o tempo decorrido da perda, sendo necessário que tivesse ocorrido até 12 meses antes da coleta de dados da pesquisa. Parkes (1998) enfatiza que pessoas que sofreram perdas há poucos meses tendem a atribuir significados diferentes à experiência de luto do que pessoas com mais tempo de elaboração, mesmo que não existam limites cronológicos para as manifestações de luto.

Bromberg (2000) relata também na fase do luto nomeada 'Desespero', que, com o passar do primeiro ano de luto, há uma tendência de o sujeito parar de procurar a figura perdida, iniciando a aceitação de que a perda é irreversível.

A adolescência compreende o período de 12 a 20 anos (Papalia, Olds, 2000). A escolha restrita em realizar esta pesquisa com adolescentes entre 15 a 18 anos advém do fato de a autora da pesquisa trabalhar especificamente com alunos do Ensino Médio. Assim, quanto mais perto da própria experiência profissional, maiores as possibilidades de contribuição desta pesquisa.

Segundo Turato (2011), o número de indivíduos que serão entrevistados não é definido a priori. Assim, é desnecessária a representatividade estatística, sendo que será entrevistado o número suficiente de sujeitos até a saturação dos dados de pesquisa.

Deste modo, decidi pela amostragem de três adolescentes, pois houve saturação dos dados, ou seja, considerei já dispor de informações suficientes que abarcavam o objetivo proposto nesta pesquisa. Turato (2011) define **a amostragem por saturação** como:

(...) o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com um certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições em seu conteúdo. Neste modo, o grupo a ser estudado deve guardar, em seu interno, indivíduos reunidos pelo critério que denomino **homogeneidade ampla**, situação correspondente a uma soma de características/variáveis em comum a todos os sujeitos que compõe a amostra (p.363).

Na amostragem por saturação, o tamanho final de uma amostra é interrompido “quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição” (Fontanella *et al*, 2008, p. 17).

Além disso, Turato (2011) enfatiza que o pesquisador pode decidir os sujeitos que farão parte de seu estudo, tendo liberdade para escolher os que apresentem características pessoais que possam trazer informações importantes para o assunto discutido, de acordo com a visão do pesquisador.

Assim, mais importante que “quantos?” sujeitos entrevistar, deve ser “quem?” participará do estudo, de acordo com a pesquisa qualitativa, pois há maior interesse na representatividade deste elementos e na qualidade das informações obtidas deles (Fontanella *et al*, 2008).

É interessante mencionar que, para a pesquisa quantitativa, o intuito é perceber como o fenômeno se comportará matematicamente em uma determinada população, enquanto que na pesquisa qualitativa, busca-se interpretar o que as pessoas falam de tal fenômeno, e o que fazem ou como lidam com isso (Turato, 2011).

Nas entrevistas, os sentimentos suscitados foram extremamente importantes para a compreensão deste momento marcante na vida dos jovens. Segue abaixo, o relato da repercussão em mim dos encontros, que delinearam todo o percurso desta pesquisa. As frases citadas no início de cada relato (em itálico) foram retiradas das entrevistas com os adolescentes e ilustram, ao meu ver, o pesar pela morte de um dos pais.

Impressões da entrevista com Mara

“Minha mãe era meu chão”

No dia da entrevista, dirigi-me até a sala para a entrevista, no horário combinado com a diretora e a aluna. A diretora da escola chamou Mara, que veio até a sala aparentando certo receio, mas logo no começo da conversa aparentou estar à vontade. Mara demonstrava de maneira muito evidente seu sofrimento, tendo uma fala coerente. Apesar de chorar muito pouco em nosso encontro, em sua face era possível ver a dor da perda, de maneira quase visceral. Ela relatou toda trajetória do falecimento da mãe de um modo muito generoso, claro e rico. Durante o encontro, Mara disse estar extremamente ansiosa pelo fato de que já estava próximo o dia que completaria um ano do falecimento de sua mãe. Sensibilizada, liguei para Mara no dia em que fazia um ano da morte de sua mãe, para saber como ela estava. Na medida do possível, estava bem, demonstrou surpresa com a ligação, mas relatou ter ficado contente.

A adolescente relatou já estar em acompanhamento psicológico, o que me deixou mais tranquila, pois percebi que ela necessitava realmente de alguém para ajudá-la naquele momento. A estrutura familiar de Mara me pareceu bem organizada, apesar de seu irmão mais novo estar demonstrando atravessar um luto complicado.

Saí da entrevista agradecida a Mara por permitir que eu conhecesse a dor da perda de maneira tão viva e nítida.

Impressões da Entrevista com Daniela

“Se eu pudesse, eu daria a minha vida pela dela...”

O pai de Daniela faleceu em um acidente de moto há três anos, mas na entrevista seria enfatizada a morte de sua mãe, que tinha completado um ano. Mesmo Daniela sendo maior de idade, conversei com sua irmã mais velha, que não se opôs, dizendo que assinaria o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sem problemas. Marquei então novo encontro, e após a Daniela também assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi realizada a entrevista.

Neste dia combinado, Daniela estava lá e aparentava muita vontade em falar. Durante praticamente todo o encontro, Daniela chorou, em alguns momentos copiosamente. É evidente que o fato de ter perdido primeiramente o pai e três anos depois a mãe é bastante desestruturador. Após relatar que a mãe praticamente desistiu de seu tratamento de câncer devido à morte de seu pai, Daniela demonstra como a morte súbita é complicada e custosa.

Daniela relatou fatos que a marcaram e que, embora não estivessem ligados diretamente à morte de um dos pais, mostravam a fragilidade em que ela se encontrava – primeiro sobre um assalto em que ela foi esfaqueada (este fato ocorreu devido a um relacionamento amoroso de Daniela) e depois sobre um abuso que teria sofrido na infância, sendo seu avô paterno o molestador. Foi uma entrevista angustiante, pois ela me suscitou sentimentos de muita compaixão e uma vontade de acolhê-la por ter passado por tantos percalços ainda tão jovem.

Já no final, indaguei despretensiosamente sobre a possibilidade de fazer terapia. Daniela foi bastante enfática ao dizer que tudo que ela tinha passado a tinha fortalecido, que agora não era para olhar para trás e sim acreditar que o pior passou. Compreendi seu momento de não se sentir capaz de mexer nessas dores tão profundas.

Impressões da Entrevista com Vitor

“Querida jogar bola com ele de novo”

O jovem demonstrou grande interesse em falar sobre tudo o que ele havia passado, pois logo que cheguei para a entrevista, aparentava disposição para dividir seu pesar. Mas logo que começou a conversa, Vitor demonstrou novamente a confusão anterior (quando não sabia ao certo há quanto tempo tinha perdido o pai).

Aparentava grande dificuldade em formar frases longas, restringindo-se a algumas vezes ser monossilábico. Pude perceber que, apesar do desejo em falar, as emoções afloraram de forma desordenada e muitas vezes vaga. Vitor chorou durante quase toda a entrevista. As confusões pareciam demonstrar claramente como era complexo para ele falar sobre a perda. Pude tirar de sua entrevista frases impactantes e recheadas de sofrimento, como: “Se eu tiver algum filho algum dia, vou querer ser imortal para ele, para ele não sentir a dor, eu sei o quanto dói... (...) De certa forma ele vai ser imortal, porque eu vou continuar de onde ele parou...”.

Parecia ser tão doloroso falar sobre a morte de seu pai, que Vitor em vários momentos dizia que “já passou”, “tá tudo bem agora”, dizendo de forma sutil que, por enquanto, não conseguia elaborar esta perda. Respeitei seu momento, mas não deixei de dizer que falar poderia aliviar este pesar e que talvez um encontro com um psicólogo poderia ser interessante para desabafar tanta dor.

Ao terminar o relato, saí impactada pela desorganização dele, mas feliz por proporcionar a chance de ele se expressar.

4.6 Tratamento dos dados obtidos

O tratamento de dados coletados foi realizado de acordo com a Análise Qualitativa de Conteúdo, que é caracterizada pela categorização por relevância teórica ou reinteração dos dados, realizada pelo pesquisador (Turato, 2005).

Inicialmente, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Em seguida, foram feitas leituras das entrevistas de maneira a realizar uma pré-análise, e neste primeiro momento, não houve ênfase em nenhum aspecto dos dizeres. Esta fase do tratamento de dados é chamada de Leituras Flutuantes, quando o pesquisador passa a se familiarizar com o conteúdo das entrevistas (Turato, 2011). É importante o pesquisador tentar ir além do que está expresso nas falas, interpretando e revelando elementos obscuros até então.

Nestas leituras flutuantes não houve privilégio de qualquer elemento do discurso dos sujeitos, sendo que o pesquisador deixa a própria atividade inconsciente trabalhar, de maneira simples para suspender as motivações que direcionam usualmente a atenção, esclarece Turato (2011). Deste modo, a leitura vai ganhando clareza na consciência do pesquisador, através das repetidas leituras do material, desembocando em uma impregnação de seu conteúdo.

Posteriormente, foi realizado o processo de categorização e subcategorização, transformando os dados brutos em organizados e lapidados. A categorização seria então um grande tópico de assuntos relacionados entre si que leva à subcategorização, que é destacar assuntos particulares que merecem atenção, mesmo que dependam do amplo tópico categorizado (Turato, 2011).

O processo de categorização ocorreu de acordo com dois critérios: repetição e relevância. Na repetição, o pesquisador procurou o que cada ponto do discurso apresenta em comum com os outros, ou seja, as colocações são reincidentes e repetitivas. Em relação à relevância, focou-se no destaque do que foi apresentado no conteúdo, mesmo que não fosse reincidente, mas que pôde validar ou contestar as hipóteses iniciais de investigação.

Já o processo de subcategorização é definido através do destaque de determinados pontos dos tópicos maiores que merecem atenção, mas que ao mesmo tempo possuem certa dependência do tópico maior categorizado (Turato, 2011).

Deve-se conter as citações literais ilustrativas (o mais fielmente possível do que foi gravado), que fundamentam a apresentação, juntamente com as interpretações. É necessário também as observações sobre o *setting* da entrevista, juntamente com o questionamento de o porquê dos detalhes da linguagem verbal e não verbal do sujeito, afirma Turato (2000).

Assim:

O que fará do trabalho um verdadeiro contributo científico é o autor se pronunciar sobre o que tudo aquilo quer dizer para seus olhos imaginativos e críticos (interpretar significações até então subjacentes) e para onde aquilo aponta (interpretar sentidos ainda encobertos). Em outros termos: é ver correlações e associações que os olhos comuns não veem, é enxergar sob outro ângulo – ou no avesso – como pessoas comuns não fazem, para então poder descobrir novas explicações e compreensões que estão se fazendo necessárias a novas expectativas humanas. (Turato, 2011, p. 462)

A discussão dos resultados de trabalho científico é considerada por Turato (2011) o maior desafio para o pesquisador, pois envolve debate de questões, questionamento de problemas, contestações de visões. Assim é importante que haja um olhar diferente para que uma nova forma de perceber os dados nasça, usando-se a imaginação, e assim trazendo um novo sentido que possa ser usado na comunidade.

Interpretando os dados, vêm à tona novas teorias e novos conceitos, através das relações invisíveis de significados trazidos pelo estudo de forma manifesta.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Impacto da Morte

5.1.1 O processo da morte

Os depoimentos evidenciaram que todo o processo de adoecimento e luta pela vida que os adolescentes acompanharam junto com seus pais foi extremamente marcante e mobilizador. Os jovens conseguem discriminar quando o estado de saúde dos pais é grave e irreversível, porém, em alguns momentos ainda usam da fantasia para imaginar uma cura ou solução mágica.

O adolescente tem a possibilidade cognitiva de perceber as características essenciais da morte, como sua irreversibilidade, universalidade e pode dar respostas lógicas formais. Levanta hipóteses e discute esse tema tão complexo. Porém, emocionalmente, pode estar muito distante da morte (Kovács, 2010b, p.54)

A dor vivenciada pelos jovens ao acompanhar o perecimento da saúde e do corpo do progenitor pode levar os adolescentes a atitudes extremas e desesperadas, como visto a seguir:

- [...] porque o problema dela era o rim, o rim já tinha paralisado, né, eu falei “O que vocês querem, vocês querem que eu do um rim, vocês querem o que?”, eu falei, tudo o que eu tive que doa eu vou doa, né, eu falei, minha mãe não morreu, eu não acredito que ela faleceu (Mara)
- Se eu pudesse, eu daria a minha vida pela dela, eu trocaria de lugar (choro) com ela pra ela não sentir ‘nem da missa metade’ do que ela sentiu... (Daniela)
- [...] aí minha mãe foi fazer a quimioterapia pela primeira vez, aí o médico falou pra ela que o cabelo dela ia cair, e ela amava o cabelo dela, aí ela ficou muito triste... (Silêncio e choro). Aí ela foi perdendo o cabelo e chorando, e eu tinha um cabelo maior, aí eu falei: “Mãe eu vou cortar bem curtinho para fazer uma peruca para você...” (Choro)... E ela falou: “Não filha, eu amo seu cabelo, não precisa...” (Choro), mas mesmo assim eu cortei, e tentei, mas não deu... (Choro)... (Daniela).

Neste último relato, o significado do corte dos cabelos para Daniela parece ter sido menos importante do que o consolo que ela parecia tentar proporcionar à mãe. A tentativa de buscar algo que pudesse amenizar o sofrimento da mãe demonstra a intensidade do vínculo mãe-filha, já que a adolescência é caracterizada também por grande interesse pela estética.

Bowlby (2004) cita circunstâncias ligadas à morte que podem tornar o luto mais ou menos difícil de ser enfrentado, apesar da morte súbita e precoce ser realmente a com maior capacidade de desestruturação. Entre estas circunstâncias, que podem acarretar um luto mais difícil de ser elaborado, estão um período de assistência duradouro do enlutado ao ente querido enfermo e se a morte ocasiona deformação ou mutilação do corpo do doente.

Ainda segundo este autor, uma doença longa e incapacitante pode acarretar dificuldades psicológicas significativas. Quando o estado de saúde em que se encontra a pessoa enferma envolve dores veementes, é mais complicado, para quem cuida, lidar com a morte.

Isso fica evidente no relato dos adolescentes, que acompanharam a perda evolutiva da saúde e das condições de sobrevivência da mãe-pai. Seguir de perto essa morte lenta pode levar ao ‘luto antecipatório’.

O luto antecipatório é entendido como um lidar gradual com a perda, em uma situação de progressão da doença que, se por um lado aumenta as exigências práticas e psíquicas sobre cada membro da família, por outro lado permite um ajustamento paulatino a um novo estado das coisas (Scoz, 2012, p. 59).

Assim, a autora supracitada declara que a falta de um tempo de ajustamento torna as mortes súbitas extremamente traumáticas, não implicando, porém, que os lutos por mortes ‘esperadas’ sejam de menor intensidade ou duração.

Kovács (2010b) explana também sobre o luto antecipatório, dizendo: “o processo de luto ocorre com a pessoa ainda viva, e é sentida a sua perda como companheiro, para uma série de atividades (...) a pessoa ainda não morreu, mas estas perdas já têm que de ser elaboradas, com ela ainda viva e de ambos os lados”(p.159).

Todos os adolescentes entrevistados vivenciaram o adoecimento dos genitores, seja ajudando nos cuidados, ou ‘apenas’ tendo notícias de seu estado de saúde, como no caso do Vitor. Acompanhar o paulatino extenuar da saúde conscientizava os jovens de uma morte próxima, mas também exigia deles capacidade para lidar com a vivência do fim da vida do genitor.

Pelo fato de geralmente ocorrer agravamento das condições de saúde no final da doença, o paciente possivelmente pode ir a óbito no hospital, distante do ambiente físico e humano que lhe é familiar. Mesmo assim, é característico do câncer um envolvimento de toda

família, seja na remissão da doença ou na morte do paciente, diz Scoz (2012). Isso é claro nas falas a seguir:

- [Você cuidava dela] É, porque eu tinha a mão mais levinha, minha irmã mais velha tinha a mão muito pesada, ela dizia...(Silêncio) (Daniela)
- [Fazer curativos] Olha, você deve pensar, deve ser um horror, tal, tudo, mas é sua mãe, você não vai abandoná ela, nunca, nunca, mesmo se eu...quisesse. (...) eu tirava força não sei da onde... e sempre rindo, brincando com ela, dava injeção, trocava curativo... (Daniela).

Os efeitos colaterais decorrentes do tratamento de câncer são debilitantes, mesmo se a doença for diagnosticada precocemente. Isso porque é necessária uma intervenção agressiva para evitar a metástase (Scoz, 2012).

O pavor ao acompanhar a perda progressiva da saúde do ente querido, acrescido do desmoronamento de funções do corpo é evidente a seguir:

- (...) Terapia, radioterapia, arrancou útero, óvulo, metade da bexiga, fez a raspagem da barriga, aí quando foi em 2009, finalzinho de 2009, ela... viu que tava sangrando de novo, aí ela falou “puxa vida, tem alguma coisa errada”, aí ela foi no médico e soube que estava com câncer de novo (...) já tinha se alaistrado... pegou bexiga, metade do...fígado, aí fizeram uma cirurgia, colocaram bolsinha no rim...aí ela ficou com 35 quilos de novo...(silêncio) por causa dessa cirurgia, aí a partir daí ela não conseguia mais andar direito, então a gente tinha que, como a gente mora em um apartamento agora, a gente tinha que pegar ela no colo, com cuidado, e subi... (Daniela)
- [...] aí ele começo a ter uma dor no estômago, aí ele começo a fazer radiografia para vê, aí ele soube que ele tinha câncer, tem seis anos que ele tinha... Aí já tinha espalhado por aqui, aí fez o transplante, arranco um pedaço, mais... não deu certo, continuo...mas mesmo com a doença ele fumava ainda, que ele não conseguia larga, daí foi quando ele foi piorando, piorando, fez radioterapia, mas não deu... (Vitor)

Na fala acima, é possível notar a relação que Vitor faz da doença do pai e o uso do cigarro. Kovács (2011) cita que devido a importância dada à produtividade na sociedade atual,

o significado da morte corresponde a uma fraqueza, sendo que “o homem passa a ser culpado pela sua doença, seja pelo seu modo de viver ou pelos excessos cometidos (...), o representante desta mentalidade na época atual é o câncer; ele é a doença da traição, da falta de controle” (p. 21)

O temor relacionado ao câncer ser a doença que acometia seu pai é frisado na fala de Vitor:

- Minha mãe não falo que era câncer, quando a gente chego lá que ela falo que era câncer... (...) Foi rápido... ele era forte, depois foi ficando mais magro...mais magro, mais magro, mais magro... (Vitor)

Alguns diagnósticos de doenças, como câncer e AIDS carregam um estigma de ‘sentença de morte’ (Kovács, 2011), sendo percebido na fala de Vitor a intenção de sua mãe de não informar o adolescente da real condição do pai. Porém, as modificações visíveis da doença no físico do pai de Vitor denunciaram a gravidade do caso.

A perda das condições físicas de sua mãe também parece ter impressionado Mara, levando-a a comparar o comportamento de sua mãe, já que antes da doença ela era uma mulher ativa e agitada e foi tornando-se frágil e debilitada.

- Aí ela reclamava muito de dor de cabeça, ela era ansiosa, sabe, ela era agitada, ela começo a ficar só deitava, não conversava, como ela era nutricionista, ela gostava muito de fazer comida, a gente foi percebendo que ela não fazia mais comida (...) Ela já não conseguia andá, andava, se ela já andava muito, ela caia, ela não tinha sequência, tipo, dar um passo com a perna esquerda, depois com a direita, ela não conseguia, ela andava duas com a esquerda, e esquecia de dá com a direita, foi esquecendo assim das coisas, né (Mara)

Sabe-se que um dos possíveis precipitantes de crise no enlutado é o reviver de datas importantes. Kovács (2010b) define as “reações de aniversário” desta forma:

Trata-se de fenômenos que, eliciados por uma data, fazem o indivíduo passar por processos variados de manifestação de conflitos: ansiedade, tristeza, surtos psicóticos, ideias ou tentativas de suicídio, somatizações (...) atuações na área social, ou ainda na relação analítica, sonhos, etc (p.105).

Cassorla (1991) também define as reações de aniversário, dizendo ser “um fenômeno, ligado aos processos de luto, em que processos inconscientes, eliciados por fatores temporais, fazem com que o indivíduo reviva, no presente, situações passadas, mas deformadas e mascaradas” (p. 110).

Estes processos podem ocorrer no aniversário de morte, ou devido a algum fato que se associa à morte ou quando a pessoa atinge a idade da pessoa morta (Kovács, 2010b).

Segundo Bowlby (2004), para praticamente todas as pessoas que passaram por perdas, cada aniversário pode levar ao reaparecimento dos mesmos pensamentos e sentimentos experimentados antes. As reações de aniversário são evidentes nas perdas de pais na infância ou adolescência.

Nas falas a seguir, Mara relata sua dificuldade para lidar com as datas significativas:

- Bom, minha vida ultimamente tem sido um pouco ruim, porque agora tá chegando perto da hora de fazer um ano que minha mãe faleceu, e... tá ficando mais difícil ainda, né? Porque há um ano atrás eu tinha ela (...) Aí ela reclamava muito de dor de cabeça, ela era ansiosa, sabe, ela era agitada, (...) essa doença que ela tinha chamava toxoplasmose... (Mara)
- Foi o primeiro... o aniversário dela também ano passado foi muito difícil, foi dia 14 de junho, foi muito difícil para mim... 10 ela faleceu, 12 ela ia fazer 19 anos de casada, e dia 14 era aniversário dela... (Mara)

Já Vitor parece comprometer-se a comemorar todos os aniversários do pai.

- Tipo, meu pai fez coisa demais se você for ver, ele vai ser imortal do mesmo jeito, ele sempre vai continuar fazendo aniversário pra mim, porque eu tô aqui ainda, no lugar dele... a empresa que ele queria ter, a empresa dessas coisas, ele vai te...eu vô dá pra ele...vai se a maior que eu...se eu ficar aqui, se eu for embora [do país]... (Vitor)

As precárias condições financeiras e a dificuldade em demonstrar seu próprio sofrimento a mãe parecer ter aumentado a angústia de Daniela:

- [...] ela sofreu muito de dor, não aguentava de dor, a ambulância vindo, o SUS, porque a gente não tinha condição de pagar convênio, era uma meia hora que ela gritava de

dor na minha casa (choro), e a gente não podia chorar na frente dela, porque se não ela ia saber que a gente não tava bem, eu tinha que ficar forte, demonstrar que a gente estava bem (choro), para ela ficar bem...(choro)... (Daniela).

Nota-se nesta fala que ter alguém para poder conversar sobre os temores e medos que frequentemente atordoavam Daniela poderia ter sido confortante naquele momento, como também a possibilidade de oferecer à mãe um tratamento de saúde mais digno.

5.1.2 Pedido a Deus pela recuperação / revolta pela morte

Nos relatos que envolviam a religiosidade e a fé nos momentos de adoecimento e morte, fica evidente um clamor/súplica pela recuperação da saúde, mas quando o jovem percebia que isto não era mais possível e posteriormente ocorria o óbito, há uma clara revolta por Deus não ter evitado a morte do ente querido, levando os jovens a sentirem-se desamparados e sós.

- [...] eu sempre rezava para Deus para cura ela... (Daniela).
- [Médicos relatam não ter mais solução] Não acreditei... (Choro), não acreditei mesmo, eu rezei muito para Deus, muito... (Choro), Ele não me ouviu, fiquei muito revoltada... (Choro e silêncio)... Ah, Ele abandonou minha mãe... abandonou minha mãe, e minha mãe era maravilhosa, ela nunca bateu na gente, ela sempre participo, sempre brinco, (Choro), nunca fez mal para ninguém (Daniela).

Kubler-Ross (2008) se expressa deste modo: “morto o paciente, acho cruel e inoportuno falar do amor de Deus. Quando perdemos alguém, sobretudo quando tivemos pouco tempo para nos preparar, ficamos com raiva, zangados, desesperados; deveriam deixar que extravasássemos estas sensações” (p.182). Então, a tolerância a toda raiva provocada pelo falecimento (seja dirigida a Deus, ao falecido ou a quem convive com o enlutado), pode ajudar a uma aceitação da morte, sem culpas.

- Já fiquei com medo nesse momento, né, [da mãe falecer] só que assim, eu tinha uma fé muito grande, falei “Não”, eu tinha fé que Deus ia fazê a obra dele e só que eu não queria que ia leva, leva ela, a gente foi na igreja, para os pastor ora, os pastores ia no médico, no hospital, ora por ela, ela ia na igreja assim, ela ia, meio empurrada, assim... né, não por vontade, ela não conseguia andá... (Mara)

A primeira fase do luto, descrita como o entorpecimento (Bromberg, 2000) ou ainda como torpor/atordimento (Bowlby, 2004) pode ser percebida a seguir.

- [...] ela falou “A gente não pode se falá, a gente não pode falar por telefone, tem que vir pessoalmente para falá, pra conversá com o médico...”, aí eu já entrei em desespero, comecei a grita, pedi pra Deus “Por favor, não leve a minha mãe...”, ela estava em estado grave, né, “Não leve a minha mãe, não leve a minha mãe...”, isso já encheu minha casa de vizinho, porque eu gritava muito, sabe eu sai de mim, eu gritava muito... (Mara)

A possibilidade da morte de sua mãe causa em Mara grande atordoamento, levando-a a suplicar a Deus ‘um milagre’, já que ela tinha ciência do estado grave de sua mãe. A perturbação e abalo emocional de Mara são tamanhos que ela teve dificuldades em manter-se conectada com a realidade, “saindo de si”. Parkes (1998) cita que o entorpecimento tem uma função defensiva, já que o contato com a realidade neste momento é demasiadamente difícil.

5.2 O Luto

5.2.1 O momento da notícia da morte

Ouvindo os relatos dos adolescentes sobre o momento da comunicação da morte, percebe-se muito sofrimento, aparentando como se fosse um sair de si. Os jovens sofrem, desacreditam e refutam a notícia, como se isso pudesse mudar a realidade.

Bowlby (2004) enfatiza a importância de que, quanto mais diretamente o enlutado tomar conhecimento da morte, menor a possibilidade de não acreditar que o óbito tenha

realmente acontecido, ou seja, é de extrema importância a forma como a informação chega ao enlutado.

A pessoa que recebe a notícia da morte (em casos de doenças prolongadas) já se encontra vulnerável, com possibilidades de compreensão muitas vezes debilitada pelo impacto emocional, necessitando de informação clara, objetiva e de acolhimento posterior à notícia da morte. Apesar de muitos indivíduos reagirem agressivamente, permanecer ao lado da pessoa após dar a notícia pode ser confortante.

A negação aparece como meio do adolescente defender-se contra este evento de tão difícil aceitação (Bromberg, 2000). Seguida de choque, entorpecimento e profundo desespero, a notícia de falecimento de sua mãe é lembrada por Daniela na fala a seguir:

- [...] aí teve uma ventania, tudo bateu dentro da minha casa, todas as portas do armário, da cozinha de baixo, as janelas, todas, todas, aí logo em seguida, demoro uma meia hora, minha madrinha veio até minha casa e falou assim “É, sua mãe faleceu...”. E eu “Não”, tava dormindo, eu “Não, que é isso... lógico que não, ela vai vencer, igual da última vez” (...) E ela: “Sua mãe faleceu”, e eu “Não”, comecei a gritar muito... (Choro), muito, muito, muito, muito (choro), eu não queria minhas irmãs, eu não queria ninguém, (choro), ninguém, ninguém, pensei como seria depois, naquela casa, não vê ela, não vê remédio, não vê nada, não fala com ela, não conta pra ela como que foi meu dia, (choro), ela perguntava (solução), eu gritei muito, sentei no chão, gritei... (Daniela).

Fica clara a dificuldade que os médicos têm para enfrentar a situação de sofrimento existencial do paciente (e dos familiares). Com uma formação muito voltada para procedimentos técnicos de manutenção da vida humana (Ayres e Silva, 2010), os médicos muitas vezes utilizam linguagem técnica para conversar com familiares que perderam entes queridos, demonstrando falta de empatia em momentos de muito estresse. Carvalho (2011) cita: “Trabalhar com o processo da morte seguramente nos reporta à nossa própria morte e às nossas angústias ligadas a ela” (p. 61).

Seria difícil perceber que uma adolescente que acaba de perder a mãe em um hospital público pode ter dificuldades em entender uma fala muito elaborada? Nota-se a seguir esta falta de percepção neste profissional de saúde:

- [...] falei “Ai Meu Deus do céu”, meu pai já chorando, e caiu a ficha, antes dele falá já tinha caído e fui, abracei meu pai, chorei, chorei, chorei, aí o cirurgião lá, o médico ele é branco, branco, branco, ele já tava vermelho, de vê o meu desespero, porque eu já tinha entrado em desespero, uma hora, vi aquele tanto de médico lá na sala, não deixava vê minha mãe, aí eles, ele explicou, “Você sabe que ela como ela tava, desde dezembro que ela tá assim, infelizmente ela entrou em óbito, só que **eu não sabia o que era óbito** [grifo meu](risos), naquela época...não sabia... É...não sei o que eu imaginei naquela época, nem lembro, aí eu “O que é isso?”, e ele “Sua mãe faleceu”, aí eu “Mentira”... (Mara)

Julgando prudente o distanciamento dos aspectos afetivos e da subjetividade, os médicos utilizam-se de um ‘escudo de saberes’ para não se envolverem. O distanciamento não imuniza o médico de sentir a morte e o sofrimento de seus pacientes (como pode ser notado no momento em que Mara relata a comoção do médico ao ver seu desespero), por isso é necessário o desenvolvimento de habilidades e competências para um envolvimento com equilíbrio (Ayres e Silva, 2010).

Labate (1997) enfatiza a importância do profissional de saúde buscar recursos para acolher o sofrimento do paciente e da família. Assim, o momento de dor intensa pode ser amenizado pela forma adequada de transmissão da notícia.

Outro aspecto relevante em relação ao momento da notícia de óbito é a possibilidade de do enlutado poder olhar o corpo do falecido. Para Bowlby (2004), o estado do corpo na última vez em que ele foi visto poderá determinar recordações positivas ou negativas do enlutado.

- ... aí eu entrei em desespero que eles não deixava eu vê minha mãe, foi tirando os aparelhos, eu falei “Não, eu quero vê minha mãe, agora que ela já faleceu o que mais vocês querem fazer com ela, eu quero vê minha mãe”, aí como meu pai fico lá com ela, depois de uns 20 minutos eles deixaram eu vê minha mãe, foi um espanto, que minha mãe é um pouquinho mais clarinha que eu, né, ela tinha olhos castanho claro, e até então não tinha fechado os olhos dela ainda, o olho dela ainda tava aberto, para mim foi um espanto, minha mãe tava branca, gelada, sabe, e eu chorava, chorava, eu queria ficar com ela lá, até na hora de leva ela pro banho, falei que queria ficar com minha mãe, aí eles explicaram, falou que não podia, não sei o que, aí me levaram embora, aí

eu fui vê ela só no dia, só de madrugada, era umas três e meia, vinte pras quatro... (Mara)

- O que eu achei mais estranho ir (no velório), é que depois que ela faleceu, eu não conseguia lembrar dela, quando a gente conversava, quando a gente saía, a única lembrança que eu tinha dela foi dela em coma, por isso que eu não quis vê, vi a primeira vez, só, por ver, porque tava acontecendo, aí depois eu só tinha lembrança dela no hospital, sofrendo, sabe, aí eu pedi pra Deus tira aquilo de mim, porque eu não queria... (Mara)

Para Mara, é evidente que a imagem de sua mãe, tanto no momento logo após o óbito, quanto no velório, dentro do caixão, foi extremamente perturbadora e impactante. Seu aspecto físico, diferente do que Mara estava acostumada a ver e o fato de lembrar-se de sua mãe padecendo no hospital são memórias vívidas e pesarosas.

5.2.2 Consequências nos adolescentes

São várias as repercussões da perda na vida dos adolescentes. Saudade, solidão, mudanças de comportamento, desamparo, sofrimento, choro constante, lembranças dos cuidados deferidos são alguns dos pontos que foram levantados pelos enlutados.

Pode-se notar inclusive que os jovens sentem falta do cuidar dos pais quando eles necessitavam de tratamento. Neste caso, “em que o sobrevivente dedicou por longo período seu tempo e sua atenção aos cuidados de um parente doente, pode acontecer que, depois de ocorrida a perda, ele se sinta sem papel ou função” (Bowlby, 2004 p. 206), como é percebido a seguir:

- [Minha vida tem sido] Chata... Bem chata... Porque eu chegava em casa, era... meu motivo era cuidar da minha mãe, que tinha câncer.... (Daniela).

Os cuidados com sua mãe tornam-se o centro de sua vida, por isso, Daniela perde o rumo com seu falecimento, inclusive achando positivo o cuidar de uma pessoa doente, só pelo fato de tê-la por perto.

Parkes (1998) enfatiza que “em qualquer luto, raramente fica claro com exatidão o que foi perdido (...) uma perda geralmente traz consigo outras perdas secundárias” (p. 24). Daniela relata como as mudanças em sua rotina devido a ausência de sua mãe são fatos difíceis com que lidar.

- [...] e agora eu chego em casa... **não tem ninguém para conversar** [grifo meu]...(choro) e...não tenho motivo...(choro) de limpá a casa nem uma vez por semana, porque fica limpa (choro), e não tenho quem cuidá, por isso peguei o gato... (Daniela).

Um aspecto interessante citado por Daniela é a dificuldade em lidar com a mudança de hábitos devido à ausência da mãe, além da solidão acarretada pela morte. Isso porque a perda requer um reajustamento social completo, necessitando de uma mudança no padrão de vida (Bromberg, 2000), saindo do lugar conhecido para uma nova forma de enfrentar a vida.

- [...] acordar todo dia cedo e não escutar a sua mãe te chamando, “Oh, o remédio, esqueceu...”, “Não, mãe...”, foda, abri a porta da sua casa e não vê... (Daniela).

É clara a dificuldade de Daniela em aceitar a morte de sua mãe. A aceitação da realidade do que aconteceu geralmente ocorre de maneira paulatina, sendo muitas vezes necessária a proteção e apoio de outros, que podem ajudar os enlutados a sentirem-se seguros e assim encarar as mudanças (Parkes, 1998).

A reação de aniversário, novamente apontada nas falas, juntamente com outra sintomatologia do processo de luto, que é a procura/anseio pelo falecido (Bromberg, 2000) são vistas na fala de Daniela, que devido a uma saudade intensa, cita a vontade de estar novamente com a mãe:

- [...] e ...chega o dia das mães, chegou o dia das mães, primeiro ano sem minha mãe (...) aí eu fiquei quietinha, não falei nada... rezei pela minha mãe...(Silêncio) Mas às vezes me dá uma louca de querer ela de volta...(Silêncio), mas acho que é normal... (Daniela).

Parkes (1998) ressalta:

O traço mais característico do luto não é a depressão profunda, mas episódios agudos de dor, com muita ansiedade e dor psíquica. Nessas ocasiões, o enlutado sente muita saudade da pessoa que morreu, e chora ou chama por ela. (p. 62)

O sentimento de raiva pode fazer parte do luto em adolescentes. Quando a elaboração não ocorre, juntamente com a expressão da raiva, este sentimento transforma-se em violência, agressividade, desafio a figuras de autoridade e abuso de drogas. Se esta raiva for canalizada, pode alterar-se para uma transformação social, modificando este afeto de forma criativa (Parkes, 1998).

- Mas, teve assim, quando minha mãe faleceu eu fiquei muito, muito, muito mesmo, uns dois meses, muito violenta, ninguém podia falar comigo que eu já queria enfiar a mão... (Daniela).

Sukiennik *et al* (2000) afirma que, algumas vezes, o humor deprimido pode ser substituído ou acompanhado de humor irritável. Pode-se preferir também a solidão à companhia dos amigos. Daniela lembrou-se da morte anterior à de sua mãe, a de seu pai, e parece ter reagido à perda dele, exteriorizando toda sua dor nas agressões que foram frequentes nesta época:

- Quando meu pai faleceu ainda, então... os dias que eu ia pra escola, eu ligava pra minha mãe, falava pra minha irmã me busca, que eu tinha batido...entendeu? (Daniela).

Endossando este assunto, Teixeira (2013) enfatiza que crianças e adolescentes com depressão demonstram algumas características importantes como tristeza, falta de motivação, solidão e humor deprimido. Mas também podem apresentar humor irritável ou instável, como é descrito a seguir:

- É... falava merda pra mim que eu já tava enfiando a mão, quebrando tudo...eu já briguei com homem, com mulher, com professora...(risos), um dia depois que meu pai faleceu minha mãe falou “Vai na escola, distrai a cabeça, conversa com seus amigos, e tal, tudo”, eu fiz um trabalho e ela (professora) falou “Não é da minha matéria, tem

que rasgá...” ela rasgo o meu trabalho inteiro, que eu tinha acabado de fazê... rasgô meu trabalho, só porque era de geografia e não era de matemática...rasgo e jogo no lixo...Aí eu fui no banheiro, comecei a chutá tudo, quebrei a porta do banheiro, aí depois eu desmaiei, não sei, parece... (Daniela).

Daniela passou por duas perdas importantes em um curto espaço de tempo. Primeiramente perdeu o pai em um acidente de trânsito (morte repentina e brusca) e após três anos sua mãe faleceu decorrente de um câncer, sendo que todo o processo de tratamento foi acompanhado por ela. Parkes (2009) afirma que algumas perdas múltiplas, não necessariamente ocorrendo juntas, caracterizam-se assim:

Pessoas que experienciam perdas múltiplas não só sofrem os efeitos cumulativos do luto, mas sua suposição de que o mundo é um lugar seguro onde desastres não acontecem é corroída e substituída por uma expectativa de futuros desastres (p.161).

Daniela demonstra que os pais são para ela a base e estrutura de sua personalidade.

- “Mãe, a gente já perdeu nosso pai...” eu perdi a metade do meu chão, eu vou perder outra metade? (Choro)” (Daniela)

Nota-se que Daniela demonstra uma forte desadaptação ao meio, muito provavelmente pelas implicações de perdas tão significativas e próximas, além da etapa de seu desenvolvimento, pois “a adolescência representa um período de contínuas e profundas transformações, tanto no nível psíquico quanto no físico e social” (Biazus e Ramires, 2012, p. 84). Estes aspectos são apontados novamente no relato que se segue:

- [...] aí minha mãe falou “Não, vai hoje, tal, tenta ir de novo (na escola)...”, aí eu fui, aí a menina falou assim “Aí eu vi o acidente do seu pai na televisão, que da hora, o carro passou em cima da cabeça dele...”, e eu “Hahahaha”, quebrei ela de novo, quebrei a menina... fiquei de suspensão, um tempo...(Silêncio) (...) É...quebrei o nariz dela...(risos e silêncio). Aí meu inspetor foi tirar eu de cima dela, aí eu tava grudada no cabelo dela, aí eu bati no chão, aí ele me tirou de cima, aí eu levantei ela comigo...(risos)...Hoje eu vejo que eu não devia ter feito aquilo, devia ter pensado, contado até dez, ter saído de perto, hoje, por exemplo, quando um cara me chama de filha da p. eu “Haha, vou te matar, desgraçado...”, eu “Tá certo...” (Daniela).

Considerando o texto, Teixeira (2013) ainda refere:

[Adolescentes com depressão] podem apresentar mudanças súbitas de comportamento com explosões de raiva, mostrando-se irritados, e podem envolver-se em brigas no ambiente escolar ou durante uma prática desportiva (p. 92).

Podemos depreender que Daniela pode estar enfrentando um quadro depressivo, no qual não há contenção da raiva e esta é exteriorizada na forma de agressões. Também se supõe, pelas falas de Daniela, que ela está apresentando um luto complicado, e sendo que “o fator principal vinculado à complicação do luto é o estilo de apego do indivíduo” (Mazorra, 2009, p.28), conjectura-se que seu estilo de apego é desorganizado, já que parece que Daniela aparentava ter sua habilidade de pensar e falar sobre as perdas prejudicada, levando-a a reagir com agressividade.

Uma das maneiras de negar os sentimentos que são provocados pela morte é ocultar os sentimentos, eliminando a dor e apontando o crescimento possível diante da perda, aponta Kovács (2010). A negação é definida por Laplanche e Pontalis (1995) da seguinte forma: “Processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença” (p. 293).

Todos estes aspectos no discurso de Vitor são evidenciados, demonstrando sua impossibilidade de entrar em contato com o luto pela morte de seu pai:

- Eu não choro, eu seguro, eu não choro, faz tempo que eu não choro, achei que minha lágrima já tinha acabado de tanto que eu já chorei, eu não consigo chora mais, parece, nem quando ele morreu eu não consegui chora, não sei porque (...) Eu chorei bastante, chorei tipo umas duas horas, fiquei chorando, depois passo, parece que não tinha mais lágrima...mas ainda tem... (Vitor)

Kubler-Ross (2008) defende que todos deveriam criar o hábito, eventualmente, de refletir sobre a morte e morrer, antes que seja inevitável entrar em contato com eles na vida. Parece que na fala de Vitor seu contato com a morte somente se deu com fim da vida de seu pai deixando-o inconformado e perdido.

- Não era possível, achar, não tinha como ele ficar doente, morre todo mundo vai morre, mas achei que ele fosse vê meu neto, neto dele...(choro e silencio)... Faltava muita coisa pra ele vivê...(Choro e silêncio). (Vitor)

A suposição da imortalidade atinge seu pico na adolescência, já que o adolescente personifica em parte o herói, aquele que é eterno. Este aspecto é esperado nesta fase, pois, para a aquisição dessa nova identidade, é essencial a vivência do poder e da força (Kovács, 2010b).

(...) todos nós nos desafiaremos, queiramos ou não, neguemos ou não, com a realidade da passagem do tempo e com a proximidade da morte, isso ocorre com mais frequência em algumas fases da vida, como por exemplo, na adolescência, primeiro momento em que o jovem percebe que pode perder seus pais (Cassorla, 1991, p. 108).

A ideia de legado também é evidenciada a seguir, pois Vitor acredita que pode ser extensão de tudo o que seu pai foi um dia.

- Se eu tive algum filho algum dia vou querer ser imortal para ele, para ele não senti a dor, eu sei o quanto dói... (...) De certa forma ele vai ser imortal, porque eu vou continuar de onde ele parou... (Vitor)
- Vive até os cem anos acho que eu vou conseguir, ou ser touro pro resto da minha vida... (Vitor)

É característica do adolescente viver como se não houvesse morte para si, já que estão no pico da vida. Kovács (2011) reforça dizendo “na adolescência não há espaço para considerar a própria morte; o adolescente crê-se imortal e é esse seu mote” (p.25).

Baseadas nas questões relativas à mortalidade de jovens por comportamentos de risco, Esslinger & Kovács (2006) lançaram um livro intitulado “Adolescência: vida ou morte”, com o intuito de conscientizar os jovens de sua vulnerabilidade.

A mudança brusca ocorrida na vida dos adolescentes pela morte de um dos genitores acarreta a necessidade de uma adaptação tanto pessoal como familiar a esta nova configuração de relações.

Parkes (1998) afirma que:

(...) os objetos externos podem mudar rapidamente, mas são necessárias muitas semanas até que as mudanças correspondentes possam ocorrer nos planos e concepções que são equivalentes internos, e as mudanças que ocorrem podem nunca se completar (p.124).

Mara nos exemplos a seguir parece referir-se a esse aspecto:

- “Nossa, o que vai ser de mim agora?”, porque para mim, minha mãe era o meu chão, entendeu, eu contava tudo para ela, tudo, tudo, tudo, a gente era, as pessoas achava que a gente era irmã, de tão amiga que a gente era, eu falei “Minha mãe faleceu, acabou a minha vida...”, né... (Mara)

Mara e sua família ainda parecem não conseguir concretizar a perda com a retirada das roupas de sua mãe, ou seja, o externo já está materializado, mas o interno ainda resiste e não admite a perda, dificultando inclusive a percepção da relação de seu pai com sua avó. Pode-se pensar que as roupas podem representar simbolicamente a dificuldade de aceitar a perda e as mudanças decorrentes dela:

- Ah... Foi difícil pra mim volta em casa, não queria, depois das escolhas da roupa dela, pra gente doar, foi muito difícil, tudo bem que a gente demoro muito, pra começa a doa, mexe nas roupas dela, até hoje, tem coisa que a gente ainda não mexeu... (Mara)
- [...] até mesmo em casa, porque meu pai ainda tem a mãe dele, então minha avó por parte de pai ficava em casa com a gente, porque ele precisava trabalhar, continuar a vida, minha avó, mãe da minha mãe, não conseguia ir na minha casa, então meu pai chegava e falava “Mãe, mãe...”, chamava a mãe dele, e... (...)Teve uma vez que eu até pedi pra ele pará, que era mãe aqui, mãe ali...mãe ali, tinha vez que eu pedia para ele para...(Silêncio). E foi assim, muito difícil... (Mara)

Domingos (2000) relata que, pelas dificuldades de expressão de sentimentos relacionados à perda, percebe-se que os enlutados sentem-se muito sozinhos, incompreendidos, inadequados na tentativa de expressar a dor. O não compartilhamento do pesar gera mais sofrimento, podendo correr o risco de estancar o processo normal de luto, estando todo luto sujeito a complicações.

Parkes (1998) corrobora estas afirmações relatando:

O enlutado tem uma tarefa dolorosa e difícil para realizar, que não pode ser evitada nem apressada (...) a pessoa enlutada sente-se apoiada quando aqueles que estão próximos mostram não ter medo de deixar emergir a tristeza. Essas expressões compartilhadas de tristeza levam o enlutado a sentir-se compreendido e reduzem a sensação de isolamento que pode ter (p. 205).

Nota-se esta condição nas falas de Mara:

- Teve uma hora que eu não aguentei, pensei “Eu tenho que falar”, sabe quando você quer chorar e não chora, fica doendo aqui... (...) Fica preso...e eu não conseguia, eu tava mudando demais, tava mudando para pior, sabe, as pessoas vinham conversa comigo e eu não conseguia conversá na escola, até hoje ainda é difícil, que nem ontem eu fui na minha pediatra e ela me encaminhou até pro psicólogo, né, porque na escola, tudo, tudo, eu choro todo dia, toda hora, de lembra...porque agora minha festa passou pra esse ano, meu pai já tinha pagado, passou pra esse ano... eu choro toda hora, toda hora eu choro...né...eu evito chorar um pouco na escola, só que quando as meninas me vê chorando já sabe porque que é... (Mara)

Pode-se supor, embasada nas falas de Mara, que ela apresenta um estilo de apego seguro, já que aparenta ter maior condição de tolerar os sentimentos ambivalentes em decorrência da perda de sua mãe, manifestando claramente o desejo de recuperá-la e demonstrando todo seu pesar. Assim, seus processos defensivos ocorrem de maneira menos veementes, como define Mazorra (2009). Ainda parece apresentar recursos internos para buscar ajuda e tentar reestruturar-se diante da perda, apesar de poder estar entrando em um quadro depressivo.

Já em várias falas de Vitor, parece haver uma grande dificuldade, de entrar em contato com seus sentimentos decorrentes da perda, como é observado a seguir:

- Ultimamente só vivo pro trabalho, desde que meu pai morreu, só, deu uma minimizada já, tá tudo normal de novo... (Vitor)
- Eu tentei ficar mais fechado, de vez em quando vazava alguma coisa... (Vitor)
- Fiquei mais triste, fiquei mais maduro... (Vitor)
- [Perda muito viva ainda] Um pouco, né, só quando eu lembro... se eu não lembrá muito aí eu não choro... (Vitor)
- É bom esquece um pouco [morte do pai], é bom lembra só das coisas boa que ele fez... (Vitor)

Vitor parece esboçar algum contato com a dor que sente pela perda do pai, entretanto logo associa um crescimento pela perda, evitando o contato com o pesar e associando toda sua experiência a um aspecto bom, retornando logo após o fato de que ainda chora muito pela perda.

- É uma dor grande, que não vai sair nunca mais... (Silêncio)... me deixou maduro mas também...me deu consequência também de...chora...tão ruim, se fosse choro por coisa boa, de saber...mais... (Vitor)

Toda esta confusão pode ser interpretada como uma forma de reagir ao luto com mecanismos de defesa relacionados a evitar o contato emocional com a dor, levando a uma suposição de que o estilo de apego adquirido possa ter sido do tipo inseguro-evitativo, em que as “relações tendem a suprimir e evitar as emoções relacionadas ao apego e ao rompimento de um vínculo significativo, evitando o pesar e o choro” (Mazorra, 2009, p. 29) podendo ter a figura de apego aspectos idealizados e inacessíveis.

- Ele era tipo, muito foda, ele era o cara para mim... Ele... mesmo trabalhando muito, ele tinha disposição pra brincar com nois, jogava bola, brincava, dava conselho... Não só como pai e filho, como amigo... (silêncio)... uma perda muito grande...(Silêncio)...

Franco (2011) afirma que “a infelicidade silenciosa traz mais complicações para a criança [adolescente] do que o luto exposto” (p. 113). Assim, quando Vitor parece se culpar por ‘ter dado trabalho’, ou sentir-se mal por não conseguir se acalmar podem indicar indícios de que o jovem não conseguiu expressar-se de maneira completa .

- [Depois da morte do pai] Mudo que nós perdeu tipo um... colo e daí minha mãe começa a aperta porque eu dei trabalho... (Vitor)
- Chorei, pensei muito naquilo, não devia ter feito isso tudo, deveria ter acalmado... (Vitor)

Também é percebida certa confusão quando Vitor tenta entender seus sentimentos em relação ao pai, ora tentando sacrificar-se pelo pai, ora querendo viver por ele. Também nota-se um grande temor da morte.

- Antigamente eu falava que eu podia morrer por ele, eu não vou morrer por ele, eu vou viver por ele agora... mas muito dessas coisas me lembra, eu te amo, posso morrer por você... (Vitor)
- (...) meu pai, eu e minha mãe, agora eu quero vive por eles todos, principalmente se eu tiver um filho, isso eu tenho medo (...) da dor que a gente sente... Eu não posso morrer... Agora a morte me incomoda bastante, agora (Vitor)
- Ele deixou lembranças boas depois da morte, deixo algum medo (Vitor)

Bromberg (2000) cita outras sintomatologias relacionadas ao luto que envolvem mudanças fisiológicas e queixas somáticas, como dores de cabeça, náuseas, vômitos, nó na garganta, boca seca, prisão de ventre, entre outros. Mara ainda apresenta perda de apetite que pode estar atrelada a ansiedade, como nota-se a seguir:

- Muita dor de cabeça, vômito, febre de 40, 41 grau, sabe e... foi assim...tomava medicação na veia e nada passava, aí o resultado de exame não dava nada, dava um pouquinho de anemia mas é porque eu não comia, só tomava remédio e vomitava, e...deu um pouquinho de anemia, em mim, só que assim, é coisa pequena, é só melhora a alimentação que melhora, né? E... falaram que é um pouco de ansiedade, que deu tudo isso, que meu aniversário tá chegando, um pouco de ansiedade por ter passado o dia das mães e agora tá chegando dia 10, então a psicóloga falou que é ansiedade, e agora me encaminhou, que eu tinha feito quatro meses de psicóloga, né, foi... (Mara)

A psicoterapia deve ser enfatizada como apoio importante para enlutados ao oferecer “à pessoa enlutada a possibilidade de encarar, face a face, as implicações dessa morte em seu presente e futuro” (Bromberg, 2000, p.82), sendo incluído neste processo assistência a problemas mais práticos, como questões legais ou cuidados com outros membros da família, além da permissão para o enlutado expressar seus sentimentos, referido a seguir:

É o reconhecimento da perda e dos sentimentos e emoções a ela inerentes e, sobretudo, a expressão desses conteúdos, uma condição necessária, embora não suficiente, para a resolução do luto. Para que isso aconteça, é fundamental que o enlutado supere as resistências pessoais, culturais, étnicas ou religiosas, para permitir o fluir das respostas normais que acompanham a perda e respectivas implicações (Domingos, 2000, p. 37).

- [...] eu tô sentindo, não sei, depois que eu fiquei sabendo que eu vou passar numa psicóloga melhor, né, a médica disse que é melhor, e agora vamos ver o que vai ser da minha vida, né? (Mara)

Até pouco tempo, a depressão era considerada um transtorno que acometia apenas adultos, sendo uma psicopatologia ausente da vida de crianças e adolescentes (Teixeira, 2013; Biazus, Ramires, 2012). Hoje já se admite que os jovens são tão suscetíveis ao transtorno quanto os adultos, sendo que são afetados de maneira significativa em seu dia a dia e em suas relações sociais e acadêmicas.

Mara pode estar enfrentando um episódio depressivo, de acordo com Sukiennik *et al* (2000), de uma perspectiva sociológica ou relacional (manifestação de cunho interpessoal e intimamente ligada às condições ambientais e sociais), mas deve-se observar a depressão englobando aspectos biológicos e psicodinâmicos.

No autor supracitado, falecimentos na família podem ser fatores agravantes ou desencadeantes para a instalação de um quadro depressivo na adolescência, sendo imprescindível conhecer o momento atual da família, além de aspectos de sua história pregressa.

- [A pediatra] ela falou que eu tô entrando numa depressão, numa leve depressão, só que assim... (Mara)
- [...] não é pra eu ficar num quarto enfiada sozinha, porque nessa situação, a mente humana, já pensa em se matar, já é normal da mente humana, nessa situação, então se eu fica muito sozinha eu vô pensa, vou quere, me mata, não é pra eu fica no quarto, mas música que minha mãe gostava não é pra eu fica ouvindo, diariamente, posso ouvir, uma, duas vezes no mês, mas assim, diariamente não é pra mim ouvi... (Mara)

A dificuldade em encarar a vida sem sua mãe leva Mara a sentir-se muito só, principalmente quando recordações e lembranças são frequentes.

5.2.3 Consequências na família

A morte tem um significado único para cada pessoa. Assim, o luto só pode ser compreendido se for contextualizado ao grupo familiar.

O luto é definido como crise porque ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessária de uma única vez e os recursos imediatamente disponíveis para lidar com ele (Bromberg, 2000, p.65).

Portanto, há necessidade de uma reorganização familiar que leva a uma nova identidade e assim, a uma nova harmonia dos membros. A grande crise causada pela morte de alguém dentro de uma família é o fato de que cada membro reage de maneira muito singular à perda, sendo que é imprescindível cada elemento respeitar o tempo e a dor do outro. Isso é evidente a seguir, na fala de Vitor:

- Eu percebi que meu irmão sofreu mais, então nós teve que dar um suporte maior pra ele...dá um chão pra ele...(Silêncio). Ele era tão pequeno...(Choro e silêncio). Mas já conforço, ele, já... (Vitor)

Franco (2011, p.104) afirma “para encarar a morte na família, são necessários um rearranjo do sistema familiar e, como consequência, a construção de uma nova identidade, um novo nível de equilíbrio”.

Nota-se também a intenção de assumir papéis antes desempenhados pelo falecido, o que acarreta demandas desmedidas ao enlutado, como o cuidado com a mãe:

- Eu me preocupo muito com ela (mãe), porque se eu chora, ela vai ficar mais preocupada ainda... é isso que eu queria cuidar da minha mãe também... (Vitor)

Bowlby (2006) cita que a perda pode acarretar ansiedade crônica, depressão intermitente ou suicídio, sendo estas as questões mais habituais. Ademais, a morte de um dos pais na infância (nos primeiros cinco anos de idade), é extremamente arriscada para o futuro desenvolvimento da personalidade. Mara, ao falar de seu irmão mais novo, que estava com seis anos quando a mãe morreu, fala sobre esta questão:

- E ele pede pra se mata... esses dia atrás meu pai pego ele com uma faca de madrugada...sete anos... (...) Meu pai pego ele com uma faca na mão, meu pai pergunto “O que você vai fazer com essa faca?”, isso era de madrugada, três, três e meia da manhã...ai ele falou “Ah papai, eu quero morrer, eu quero ir pro céu...”, porque ele acha que lá no céu ele vai ter minha mãe, e a gente explico pra ele, que a mamãe foi pro céu, aí sim a gente conto pra ele tudo que aconteceu... (...) Depois que ela faleceu, aí sim a gente conto, aí ele fala que quer morrer para ir pro céu pra ficar com a mamãe...(silêncio). Só que ele não fica assim, não chega a um ponto de ficar nervoso “Ai quero morrer e pra ir pro céu”, ele fala “Não, papai, eu quero morrer porque eu quero ir pro céu, eu quero a mamãe... a gente explica pra ele, “Não meu amor, vai ter uma hora que o papai do Céu vai te levar, que nem chego a hora da mamãe, a gente não sabe quando, né, mas tem uma hora que o papai do céu vai te levar, e outra, a mamãe não tá morta pra você, ela pode tá viva no seu coração... (Mara)

Bowlby (2004) esclarece:

(...) o genitor sobrevivente muito provavelmente dirá ao filho que o outro foi para o céu, ou foi levado para o céu. (...) a menos que isso seja dito de outra maneira, a criança pequena pensará naturalmente que o céu não é diferente de outros lugares distantes e que a volta é apenas uma questão de tempo (p.309).

É evidente que o fato de ter comunicado sobre a morte de sua mãe referindo-se ‘ela foi para o céu’, confundiu a cabeça da criança, levando a pensar que poderia reencontrá-la se se matasse. Dessa maneira, a comunicação sobre a morte assume papel essencial para a ocorrência de um luto sadio. Além disso, percebe-se a importância de orientar pais sobreviventes para que possam orientar/conversar com os filhos de maneira mais apropriada.

Franco (2011) ainda relaciona que a esperança de se reunir ao morto (tanto pelo desejo de morrer quanto por comportamentos de risco), são traços achados em crianças que são análogos ao de casos de luto crônico.

- [...] mas a hora que acho que mais choquei foi ver meu irmão vendo minha mãe no caixão, foi a hora que eu mais choquei... Falei “Ai...”, e também a fase dele, pra gente explica, foi muito difícil... foi muito difícil mesmo, até hoje ele não entende, sabe, foi muito difícil... (Mara)

Apesar da dificuldade que Mara teve ao ver seu irmão mais novo no velório de sua mãe, “a participação nos rituais é importante, pois esses podem oferecer uma experiência organizadora em momento de grande desorganização, além de aproximá-los dos adultos que também estão sofrendo” (Kovács, 2004, p.59).

5.2.4 Aproximação com familiares após a morte

Bowlby (2004) ressalta que um dos indícios de a pessoa estar em um luto sadio é o fato de haver uma retirada do investimento emocional na pessoa perdida e este deslocar-se para uma nova pessoa. Fica bastante evidente que as relações familiares, de amigos e outros oferecem ao enlutado um importante papel.

- Minha mãe é uma... heroína, também...pessoa que eu mais amo nesse mundo...um ser humano a mais que Deus...porque Deus eu nunca vi...minha mãe eu já vi, deu carinho, sofreu comigo, sorriu comigo... (Vitor)
- [...] no começo, depois que minha mãe faleceu, como eu não queria fica com ela [irmã], acho que ela fico sentida comigo (solução), ai ela fico muito brava, não falava comigo direito...ai eu pedi desculpa para ela e disse que eu ia fica com ela, ai melhora um pouquinho (...) mas hoje ela mudou muito, mudou muito mesmo, hoje ela não liga [por não receber a pensão dos pais], ela me trata muito bem, muito bem, ela vem, conversa comigo e fala “E ai fia, como foi o seu dia?”, “Tal”, mudou mesmo...(Silêncio), nunca pensei que eu ia me dar bem assim com ela... (Daniela).

Na quebra do vínculo, o sujeito utilizará dos recursos de vínculos anteriores para elaborar o luto, ou seja, o que foi vivido e absorvido afetivamente no início de sua vida delimitará as respostas atuais, relata Bromberg (2000). Apesar de Daniela inicialmente relutar em estabelecer novos vínculos com sua irmã, no decorrer do tempo, isso foi se modificando para um relacionamento resignificado.

Sarti (2010) justifica o sentimento de medo do abandono que Mara sentiu quando perdeu sua mãe, pois o “homem é considerado chefe da família e a mulher, a chefe da casa”. Assim, o homem é a autoridade, a relação da família com o que é externo a ela, já a mãe é

quem mantém a família unida, a coesão deste grupo, sendo responsável pela respeitabilidade familiar e pelo cuidado para que tudo esteja no lugar correto.

- [...] aí depois foi meu pai, ele chegou em mim e conversou, “Oh minha filha, o pai te ama, o pai quer ficar com você... E eu também tinha medo dele não me querer mais... (...) eu tinha uma coisa dentro de mim que meu pai ia me colocar em algum orfanato, sabe que, lugar de criança fica, eu achava assim, sabe...Porque...até então, eu não conhecia meu pai direito, entendeu, vivia com ele, todo dia ali, só que não sabia que ele me amava, entendeu...aí depois eu fui vendo, “Não, é o amor do meu pai, mesmo...”, foi muito difícil... (...)Me aproximei dele...bastante, até...agora eu ligo pra ele toda hora, na hora que eu chego na escola, agora tudo é meu pai, agora... (Mara)

Uma tendência que coopera para um fim saudável do processo de luto é a pessoa sentir-se digna de amor e dotada de valor, devido à criança ter tido uma figura de apego disponível, receptiva e útil na infância. Assim, o enlutado poderá ser capaz de estabelecer novas relações afetivas e capazes de gerar confiança em sua adolescência e vida adulta (Bowlby, 2004), podendo inclusive ressignificar relações pré-existentes, como no caso de Mara com o pai.

Ainda no autor supracitado, a pessoa que teve um apego seguro, não deixará de sentir um pesar profundo e até mesmo raiva. Mas muito provavelmente, o luto não será insuportável, improdutivo, ou ambos. “É quase certo que terá apenas um leve sentimento de ter sido rejeitada ou abandonada; é improvável que se entregue a uma autoacusação inadequada” (p.277).

O sentimento de abandono experimentado por Mara, logo tomou forma de uma confirmação do amor de seu pai por ela, mostrando também a sensibilidade e acolhimento de seu pai, que mesmo estando passando pelo processo de perda de sua esposa, pôde recolher a dor de sua filha e acalentá-la em um momento de muita solidão.

Perceber a dor dos familiares devido ao luto também provoca sofrimento e pesar ao enlutado, sendo necessária neste momento, a união para poder haver uma troca produtiva dos afetos, e assim, possibilitar apoio e compreensão, como pode ser notado na fala de Vitor:

- Nossa, o tanto de amor que ela [mãe] tinha, nessa hora ainda, de sofrimento (...) foi o homem da vida dela, três filhos, casamento de quase 20 vinte, eles se amava ainda... (Vitor)

5.3 Mecanismos de Enfrentamento

5.3.1 Formas de lidar com a perda

O rompimento de um vínculo afetivo leva a grande sofrimento e dor. Um dos grandes aliados dos enlutados para viver o processo de luto são os laços de outros vínculos, que demonstraram ser essenciais para o enfrentamento de todo desespero e pesar pela morte de um ente querido. Isto é percebido nas falas dos adolescentes entrevistados:

- Foi o carinho da minha mãe... ajudô... falô coisas bonitas...mostro o que ele fez de bom, umas foto que a gente nem sabia que ele já tinha feito...foi ótimo...a minha mãe foi perfeita... (Vitor)
- O amor do meu pai... meu pai é, depois, que eu não tinha muita intimidade assim com meu pai, tinha mais intimidade com minha mãe, e meu pai me pegava chorando, sabe, porque eu queria (...) desabafa, sabe... (Mara)
- [o que dá força para passar por isso] Meus sobrinhos, minhas irmãs e a força que eu acho que eu tenho (...) eu tenho meu outro sobrinho, que é um palhacinho também, eu vou lá, fico com ele, brinco com a Y. (silêncio)... então isso melhora bastante... (Daniela).
- [...] mas tem o suporte da minha mãe, dos amigos, minha família é grande, teve apoio, bastante... (Vitor)

Mazorra (2009) enfatiza a importância da rede de suporte para o enfrentamento do luto dizendo:

O suporte social, da comunidade, familiar, religioso e profissional recebido após a vivência da morte de um ente querido é um fator extremamente relevante para o enfrentamento do luto. Permite que o enlutado se sinta acompanhado no enfrentamento de sua dor, tendo seu sentimento de desamparo diminuído (p. 44).

Peruzzo *et al* (2007) pontua que as crenças sobre o pós-morte são de fundamental importância para o enfrentamento do luto. Acreditar que o falecido está em um lugar bom e feliz, incute esperança de que a morte levou o ente querido para um local melhor e assim, pode confortar a pessoa que sofre com a perda. Essas crenças norteiam a forma pela qual o luto será elaborado.

- [...] e o que melhora também, é que eu penso todo dia, se ela tivesse aqui, continua sofrendo, por dor, então acho que o lugar que ela tá ela tá muito em paz, sem dor nenhuma (choro), sem nenhuma preocupação (choro), feliz... o que é importante para mim é a felicidade da minha mãe... No começo eu não entendi muito isso e ficava pedindo ela de volta...mas depois eu entendi que bem melhor lá do aqui...pra ela...então...eu coloco isso na minha cabeça...(choro)... (Daniela).

Parece ser um grande consolo o pensamento de que a pessoa falecida não está mais sofrendo, sendo uma forma importante de significar a perda.

5.3.2 Heranças da relação findada

Marques e Demartini (2011) ressaltam que o sentimento de saudade que avassala os enlutados pode gerar perspectivas novas de vida, auxiliando o desencadear de um luto normal.

É evidente que as relações que se findaram com a morte incutiram nos adolescentes uma vontade, um desejo de cumprir as promessas feitas em vida aos genitores, tornando-se assim, um incentivo que os motiva a seguir em frente. Nas falas dos entrevistados, esses aspectos foram mencionados:

- [...] que eu quero ser enfermeira... porque eu prometi pra minha mãe que eu ia pôr um uniforme branco...pra cuidá das outras pessoas com amor e carinho (soluço), como eu cuidava dela, porque tinha enfermeira que era muito grossa, e eu vo realiza esse sonho, e eu vô cuidá dos pacientes como se fosse minha mãe...(Choro e soluço) (...) assim que ela morreu eu voltei pra escola, como eu tinha prometido pra ela que eu ia ser enfermeira, ai eu peguei firme... (Daniela).

- [Desempenho na escola piorou] Não, até melhor, porque ele queria que eu fosse um cara forte, com poder, crescesse na vida, eu tento fazer o melhor que eu posso pra tenta isso pra ele, tipo, ele queria isso... (estou) motivado, pra completa o que ele queria... (Vitor)

O legado deixado pelo pai de Vitor assume inclusive um norteamento para decisões que o adolescente toma em relação ao não envolvimento com drogas e ao desejo de ficar parecido com ele fisicamente:

- [...] ele falava de não usar droga, nunca, nunca... (Vitor)
- Vou ter um cavanhaque igual o dele, ainda... (Vitor)
- [...] porque eu me via nele de vez em quando, eu me visto como ele... (Vitor)

Rodriguez (2005) postula que a morte do outro pode ser uma maneira de ressignificar a vida de quem fica. A percepção da mortalidade, da aceitação e da conscientização de que a vida tem fim, pode levar à reflexão de como se tem levado a vida, podendo alcançar um novo sentido para a existência, havendo assim enriquecimento psíquico. Mas este processo só ocorre “quando a dor simbólica da morte pode ser comunicada, trabalhada e ressignificada. Na situação de luto elaborado, o outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças” (p.18).

Percebem-se claramente estes aspectos positivos deixados pelas vivências de Mara ao ter percebido que os momentos em que esteve junto de sua mãe foram determinantes para definir como a jovem é atualmente.

- [...] eu passei o dia inteiro com ela, e o que foi mais legal é que ela me passou tanto conselho, assim, sabe... parecia, acho que ela sentia que tava chegando a hora, ela até escreveu uma carta que eu não acho essa carta, não acho...já cacei, já...em tudo quanto é lugar, na casa da minha avó, não acho essa carta... Que era pra mim segui... que eu sempre quis ser investigadora criminal, que era pra mim segui, a minha vida, que não era para mim sair dos caminhos do Senhor, né, e que ela me amava muito, e que aquela fase ia passar, né, só que era pra mim faze a vontade de Deus, isso que dizia a carta... (Mara)

Marques e Demartini (2011) afirmam que o sentimento de saudade pode ser desencadeador para a elaboração de um luto normal, trazendo ao enlutado novas perspectivas de vida. Ensinaamentos deixados são considerados como relíquias que auxiliam os jovens a seguir em frente, possibilitando certa autonomia.

- É... ou você aprende...ou eu aprendia, ou eu aprendia... eu sei cozinhar, porque eu gostava de olhar minha mãe cozinhar, porque, ou eu cozinho pra mim ou eu passo fome (risos), então...eu tenho que ir no mercado, eu pago as contas, eu limpo a casa, lavo a roupa... (Daniela).
- Meu pai também fala pra mim, porque o tempo que eu vivi com ela, esses 14, 15 anos, minha vida, foi o suficiente, parece que...Deus preencheu, sabe, eu sei de tudo assim, sei lavá, passa, tudo ela me ensinou, e o conselho que ela me passou dia 7...Nossa... (Mara)

5.4 Repercussões do Luto dos Adolescentes na Escola

5.4.1 Pelo adoecimento e após a morte do genitor

A desorganização provocada pela perda de uma pessoa significativa pode levar o enlutado a buscar cuidados e acolhimento. O profissional procurado para tal feito terá que lidar com processos muito intensos e determinantes, como a reorganização da vida frente ao falecimento, além dos sentimentos exacerbados decorrentes da perda, salienta Rodrigues (2005).

No exposto de Daniela, apesar de sua mãe ainda não ter falecido naquele momento em que relata que não foi compreendida dentro da escola, a falta de apoio evidencia como o processo de luto pode tornar-se mais difícil sem o auxílio de outras esferas da vida do jovem.

- E aí, nos últimos dois meses foi bem difícil, a gente teve que ficar no hospital, a minha diretora da minha antiga escola mudou eu para manhã, eu estudava à tarde e eu queria passar mais tempo com minha mãe porque eu sabia que ela ia embora... (Choro)... Ela

não me mudou para a manhã, mas eu não tava nem aí, eu não tava mesmo, eu perdi prova, eu perdi tudo, no outro ano eu faço de novo (choro), por isso que eu tenho dezoito anos e tô no primeiro, entendeu... faz de novo, é só não desistir... então eu faltava mesmo, tava nem aí...Aí a minha irmã de tanto ir conversar na escola, explicar, aí eles me mudaram para manhã... (Daniela).

- [Repetir de ano] Foi, na quarta série, que minha mãe fez a cirurgia e como eu não podia ficar sozinha em casa, 11 anos, 10, meu pai não deixava eu sozinha em casa, meu pai tinha que trabalhar, e depois tinha que ficar no hospital com minha mãe, e minhas irmãs, como era maior, tinha que ir na escola normal, que tava no ginásio, e depois tinha que ficar no hospital com minha mãe, aí eu fui pra casa da minha tia... (...) Aí não passou a vaga pra escola lá perto, aí eu perdi um ano... o outro ano que eu perdi, foi 2010, na sétima, quando meu pai morreu, como foi inesperado, e eu era caçula, era a filhinha do papai, tudo era pra mim, tudo eu e ele fazia junto (...) ele falava que me amava muito, aí eu fiquei...não queria sair de casa, não queria ver ninguém, só queria assistir TV e dormir...aí perdi o ano...(Silêncio)... (Daniela).

Muitas vezes, o enlutado encontra dificuldade em perceber que outros aspectos da vida também são importantes, como a escola, os amigos e a vida social. É como se houvesse um único caminho possível, que é vivenciar a dor da perda, podendo levar o sujeito a voltar-se unicamente para o padecimento. A compreensão deste aspecto que envolve o luto – o recolhimento – pode ajudar os profissionais que trabalham na escola a avaliar o comportamento dos alunos de forma mais integrada.

- Eu não saía mais, pra ficar com ela, minha vida era só com ela, acompanhava tudo de perto (Mara)

Para Rodriguez (2010), a escola, além de ser responsável pela transmissão de conhecimento, deveria se importar em prevenir comportamentos de risco entre os jovens. Mas isso só seria possível se os alunos se sentirem acolhidos para expressar sentimentos, dúvidas e necessidades. Para os educadores poderem trabalhar o tema da morte, e consequentemente aspectos do luto, é essencial a disponibilidade para compreender cada aluno em sua singularidade. A proposta não é de uma psicoterapia, mas sim de acolhimento e empatia.

Alguns sentimentos e comportamentos são classicamente compreendidos como concernentes ao processo de luto: tristeza, saudade, solidão. Familiares, e muitas vezes profissionais da escola, ignoram que outros comportamentos do aluno podem estar atrelados ao processo de enlutamento, como reações de agressividade, atividades frenéticas e erráticas, distúrbios psicossomáticos e dificuldades de aprendizagem (Bromberg, 2000). Apesar de muitas vezes não serem associados ao luto, estes comportamentos podem fazer parte desse processo.

Quando a escola depara-se com um aluno que passou por uma perda significativa, compreender que a concentração, a memória, o comportamento agressivo podem estar atrelados ao luto reformula a atuação do professor, levando-o a um novo olhar sobre o jovem, com uma percepção real do aluno. Essas dificuldades foram relatadas pelos adolescentes como nos exemplos a seguir:

- Bom, concentra, concentra, concentra, concentra, eu não consigo não, mas eu tento porque eu quero ser enfermeira, eu quero ser enfermeira de verdade, muito mesmo, então eu tento... (Silêncio) faz o meu melhor... (Silêncio), às vezes eu acordo assim, que saco... escola...ai eu penso melhor, não vo...penso melhor, tenho que ir, você prometeu para ela, e uma promessa é muito forte, não importa o lugar que ela esteja, ela tem que ser cumprida, a promessa que você fez, então, eu vou ser enfermeira, eu quero ser mais que uma enfermeira...(Silêncio)... (Daniela).

Granja *et al* (2012) enfatiza que, devido ao desempenho escolar ter sido afetado de forma negativa, “o luto deve ser considerado como uma questão com implicações pedagógicas” (p. 58). Assim, desconsiderar que os alunos enlutados podem ter dificuldades do ponto de vista acadêmico (déficit de atenção, menor capacidade de realizar atividades escolares) e do ponto de vista comportamental (assiduidade inferior ao desejado, maior incidência de doenças e acidentes, além de comportamentos agressivos e violentos) contradiz uma das maiores funções da escola: promover o desenvolvimento do ser humano de maneira integral e multidimensional.

Mara também relata dificuldades em conciliar questões fora do âmbito da doença de sua mãe, mostrando-se indiferente à presença na escola e na igreja. Quando conseguia estar na sala de aula, ou não se desligava das preocupações relativas à sua mãe internada, ou somente respondia presença e ia embora.

- Acompanhava tudo de perto, porque aí eu não vinha na escola, eu tinha parado de vir na escola, eu trazia atestado do HC, é, não ia, não ia na igreja... É... isso, aí já fiquei doida [com internação], já fui dormir no hospital com ela, aí dia 24 não vim pra escola, no dia 25 também não, aí só assim, só dentro do hospital... (Mara)
- Tudo internada, internada, e eu vinha na escola duas vezes por semana, mas era assim, é, de 20 em 20 minutos eu ligava para minha mãe, para saber como ela tava... ia na escola só pra ganhar presença...só pra ganhar presença, entendeu... Fazia a chamada e eu ia embora...só pra ficar com presença naquele dia... (Mara)
- (...) foi difícil, na escola eu... pra volta, acho que... Não, foi em junho, né, eu voltei, uma semana depois, fiquei um dia, fiquei na primeira aula e fui embora, não aguentava, porque todo mundo ficava perguntando porque eu tava faltando, porque eu tava faltando... (Mara)

Vitor mantém sua postura em relação à escola igual a todo seu discurso: parece ter grandes dificuldades em entrar em contato com sua dor, relata ter adquirido maturidade e experiência para lidar com perdas posteriores. Kovács (2012) lembra-nos do uso de mecanismos de defesa para lidar com a dor como o adiamento ou a negação. Vitor fala disso nos exemplos a seguir:

- [Teve mais dificuldades na escola] Não, eu acho que eu fiquei mais maduro, aprendi a lidar com isso, da próxima vez que acontece essa perda eu vo sabe lida... (...) ele quer que eu faço isso [vir na escola], né, que eu estudo, seja um homem de bem, então eu fiz tudo certo como ele queria... (Vitor)
- [Frequentar escola] Ele pediu pra mim, ele falava da escola sempre, sempre... Consegui... foi pra ele que eu fiz isso, minha nota melhorou até, já fiz dois cursos... (Vitor)

Outro aspecto observado é a influência da Internet como forma de comunicação entre os adolescentes, sendo que Mara informou aos amigos sobre o falecimento da mãe através da rede social Facebook. Peruzzo *et al.*, (2007) observou a importância que a internet, através das redes sociais, tem desempenhado no enfrentamento das situações de perda, desde a

‘comunicação’ com o falecido, deixando recados de saudades e recordações de momentos vividos, até a explicitação de como tem sido o período pós-perda.

- [Colegas sabiam da perda] Sabiam porque eu já tinha postado no face...eu ia fala e não me sentia bem, falei “Não, não vou ficá...”...quero ir embora, só que tinha gente que não sabia também, “Por que, o que tá acontecendo, por que você tá chorando?”, ai eu...foi muito difícil, aí depois a gente entro em férias, ai só em agosto eu entrei para escola mesmo, aí eu comecei a ir pra escola, porque antes minha mãe tava internada eu não vinha... (Mara)

Kóvacs (2012) relata que é necessário que os educadores entrem em contato com a sua própria visão de morte e de seus processos de luto, já que influenciam os alunos de maneira significativa.

Percebe-se nos relatos obtidos nas falas dos alunos, que os professores não demonstram preocuparem-se com questões de ordem emocional. Enfatizam-se apenas aspectos práticos e concretos relativos a notas, faltas e trabalhos escolares. Novamente Kóvacs (2012) alerta para a importância da abertura de espaços, entre professores e alunos, de questões emocionais, pois favorecem a comunicação.

- [...] aí eu não frequentei a escola direito, no segundo semestre... mas os professores me deram nota, ai sim, porque eles já sabiam, né...ai assim, foi muito difícil, na igreja, na família... (Mara)

Outro fator importante abordado pelos entrevistados foram as lembranças advindas do contato com professores e outros alunos em sala de aula, que causavam incômodo e sofrimento.

- E tem além dos comentários, né, na sala, ah, dia de reunião “Ah minha mãe vai vim, ah, meu pai vai vim...”, “Ah o seu vai vim?”, e eu comentando com outro colega que tem “Ah vai, tal...” e todo mundo fica falando, os professores, “Pai, dia de reunião, tem que comparecer, pai ou a mãe...” Ou sei lá, fez bagunça, “Ah vou ligar pro seu pai...” (...), falei pra todos os professores, “Não toca no nome de pai e mãe dentro da sala, por favor, fala responsável, porque dói, porque eu não tenho mais os meus...” (choro), tudo bem, nenhum deles fala. (Daniela).

- [Tem chorado muito na escola] Porque elas vêm fala... “Minha mãe, minha mãe, minha mãe...” (Mara)
- Isso... que nem, uma amiga minha, a mãe dela descobriu segunda-feira que tava grávida, e ela já chegou na escola “Minha mãe tá grávida”, aí eu “Nossa...”, era o sonho da minha mãe, é ter mais um filho... (Mara)

Apesar de, com o decorrer do tempo as referências à morte tornam-se menos constantes, alguns casos ainda aborrecem os jovens.

- [...] as pessoas não falam tanto, já sabem, sabe, que ainda tem gente, um amigo meu, acho que ele é doidinho da cabeça, não sei (risos), ele fica falando, aí eu chego em casa, teve um trabalho que a gente chego, que a gente teve que falar nosso dia a dia, então eu expliquei na sala que eu chego em casa, tem dia que eu faço janta, que tem dia que meu pai tava limpando a casa (...), então eu chego, faço janta, pra minha irmã pode ir para faculdade, aí vira ele e fala “E sua mãe, não faz nada?” (silêncio), e ele sabe, desde o ano passado que minha mãe faleceu...Aí essa parte eu já bati nele, não bate assim... (...) Eu já chamei atenção dele, falei, “Não...”, eu já tava ficando irritada, já tava ficando chato, era todo dia... (Mara)

5.4.2 Apoio dos colegas

Quando a dor provocada pela perda é negada, impossibilitando o seu compartilhamento e expressão, pode-se favorecer a sensação de solidão, suprimindo o luto. Quando a expressão da dor ocorre, é possível acolhimento, conforto e o fortalecimento da pessoa que passa pelo processo de luto, salienta Rodriguez (2010).

Bowlby (2004) esclarece que há:

(...) um profundo e persistente sentimento de solidão que a pessoa enlutada geralmente sofre, (...) as amizades não contribuem muito para minorar (...). Embora muitos membros, especialmente as mulheres, mencionassem especificamente a amizade como uma grande contribuição da organização para seu bem-estar, e embora essas amizades muitas vezes se tornassem intensas e importantes para os participantes, não reduziam de maneira significativa a sua solidão (p. 111).

Kovács (2004) esclarece que para os adolescentes, a amizade é muito importante, visto que os adultos podem, em muitos momentos, não dar atenção aos jovens enlutados, já que estes podem muitas vezes não compartilhar a dor, levando os adultos a pensar que não estão se importando com a situação.

Mara diz encontrar certa compreensão nas colegas da escola, mas algumas vezes ainda evita expressar seus sentimentos.

- [Amigas] Elas sabem assim que não tem palavras, sabe? Porque para mim eu ainda não achei ninguém que tem a palavra certa... (...) Elas vem, me abraça, e fala “Ela tá num lugar melhor, ela tava sofrendo...”, isso me ajuda, um pouco... só que também eu evito chora para não fica perguntando...entendeu... (Mara)

Nestes relatos, percebe-se uma maneira de conforto extremamente comum, que é a ideia de que o falecido encontra-se em um melhor lugar, não está mais sofrendo.

- Estão, aí quando eu estou triste, assim, saudade da minha mãe, assim, de abraço de mãe, ela [amiga] me ajudou assim “Ah Daniela, fica triste não, sua mãe tá num lugar melhor, eu tô aqui, amiga...” (Choro), aí vem bastante amigos meus, fala comigo, “Porque você tá chorando?”, “Ah, saudade da minha mãe”, aí todos eles me abraçam junto, (choro), tem gente que ajuda bastante... (Daniela).

Outro fato importante que foi valorizado são os colegas auxiliarem em relação aos afazeres da escola, evitando assim a reprovação escolar. Nota-se que qualquer tipo de ajuda pode beneficiar os enlutados, tornando o processo menos difícil.

- Porque o que eu mais achei legal foi os amigos ter colocado meu nome nos trabalhos... (Mara)
- [Por faltar à aula] tinha que pegar as matérias correndo, com todo mundo, tinha um amigo meu que levava o caderno pra mim na minha casa, ele era *nerd*, ele explicava, e eu também não sou muito devagar, aí eu pegava rapidinho... aí eu consegui passar de ano de boa... (Daniela).

Percebe-se que a importância do apoio dos colegas para os adolescentes enlutados, corroborando a pesquisa de Domingos (2003).

5.4.3 Apoio de professores e diretores

Como já mencionado anteriormente, Rodriguez (2010) afirma que nos cursos de medicina, pouco se aprende sobre a morte e o morrer. Isso também ocorre nas áreas de educação. Trabalhando com formação de seres humanos, os profissionais da educação são também cuidadores.

Para que todo o processo de auxílio ao aluno ocorra, não apenas no luto, mas em qualquer aspecto que esteja levando-o ao não crescimento de forma saudável e integral, o professor também precisa de cuidados. Um bom ambiente de trabalho, com condições adequadas para o desenvolvimento das tarefas e afazeres, e criar um ambiente criativo e sadio são formas de manter a unidade e integridade da instituição, possibilitando o crescimento de seus alunos (Sukiennik *et al*, 2000). O acolhimento é notado como importante ferramenta dentro da escola nesta fala a seguir, quando a adolescente parece estar referindo-se a este aspecto:

- [Alguns professores] São mais de boa, não toca no assunto, tem o F., o F. é um amor de pessoa (risos), ele pergunta como que eu tô... (Daniela).

Confirmando a fala acima, Kovács (2012) lembra que:

O educador com atitude empática pode ser mediador de conversas entre adolescentes, tornado a morte familiar. Quando se fala em preparo para lidar com a morte, não se propõe receitas, ou respostas gerais. Trata-se de questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal (p. 76).

Nota-se como é importante para a jovem perceber que o professor preocupa-se com ela, perguntando como ela está. O docente parece conseguir, com esse interesse pela aluna, estabelecer uma relação mais próxima.

- É... Aí a diretora, a C., aí ela me deu uma ajuda assim, falou com os professores, mas os professores também, todos gostavam de mim, não tinha um... falava assim “Oh, vou

te dar esse trabalho aqui, aí você faz, aí você recupera a nota, nos vamos apagar um pouquinho das suas faltas (risos), aí eles apagavam... (...) porque eles viram que o que eu tava passando não era fácil, né, pro, pra uma pessoa, de, da minha idade, e eu tava querendo, sabe, eu chegava e perguntava “Olha, e aquele trabalho que vocês falaram que ia me dar...”(...) ...fiquei noites, noites para fazer trabalho, todas as matérias... (Daniela).

Fica evidente que a preocupação dos professores em relação ao luto de Daniela limitava-se a questões acadêmicas, como notas e faltas. As questões de ordem emocional estiveram, segundo seu relato, a maior parte do tempo distanciadas da realidade escolar.

A presença de um psicólogo dentro da escola pode ser de grande auxílio nesses momentos, já que a escuta clínica é um dos instrumentos de trabalho do psicólogo. “Um aspecto importante da escuta clínica é a atenção à singularidade do sujeito, assim como a posição subjetiva que o profissional se encontra em relação a isso” (Braga *et al*, 2012, p. 95). Nota-se que, em nenhuma das escolas selecionadas, há a presença de psicólogos, que poderiam inclusive auxiliar os professores a lidar com o luto dentro da sala de aula.

Há um Projeto de Lei (3.688/2000) que prevê a inserção de profissionais da Psicologia e do Serviço Social na rede pública de educação básica (Psicólogos, 2013), porém, ainda não foi aprovado.

Sukiennik (2000) aponta que os educadores podem ajudar a encaminhar alunos que estejam apresentando sinais de luto complicado (mudanças de comportamento, faltas, queda de rendimento e comportamentos autodestrutivos). A dificuldade dos professores em lidar com questões de luto e morte dentro da escola são relativas à falta de preparo, resistência, necessidade de reforma curricular para evitar sobrecarga de trabalho, além de enfrentamento de limites pessoais e escassez de parcerias com o meio acadêmico.

Endossando essas principais dificuldades citadas pelos professores, e na escola como um todo, Marques e Demartini (2011) ainda ressaltam: falta de apoio no momento em que também passaram por um luto, pois não saber lidar com o próprio luto dificulta a abordagem do tema com alunos, além das dificuldades encontradas em ressignificar a vida com a ausência da pessoa perdida, não apenas na escola, como na vida de maneira geral.

Apesar da ajuda em relação a trabalhos e notas, a escola pode fornecer encaminhamentos, acolhimento e auxílio em aspectos práticos, como organização de estudos e indicação de leituras que possam ajudar a simbolizar e elaborar a perda. Em seu livro “Pedagogia da Morte”, Marques (2013) ressalta o uso da literatura como uma possibilidade de

trabalhar o luto dentro da escola. Mesmo esta autora abordando a literatura infantil, poderia ser possível a generalização para a adolescência.

Percebe-se que há certo amparo aos alunos, porém este se dá de modo superficial. Marques (2013) destaca “a importância de que a temática não seja transferida aos cuidados da escola, mas a escola precisa estar preparada para enfrentar o diálogo, o apoio, visto que algumas famílias não realizam tal ato” (p. 31).

- O ano passado assim ele [diretor] falô que eu consegui nota porque, por causa dos meus amigos, sabe, das minhas amigas que põe meu nome no trabalho sem eu ter feito nada, os professores sabiam, então tentavam me ajudar, prova era diferente minha, ano passado, não era igual de todo mundo... (Mara)

Houve momentos em que parece ter havido uma aproximação mais afetiva com Mara, em que professores relatam a importância da presença da adolescente na escola e também perguntam sobre como tem sido a vida após a perda.

- Eles acharam que eu não ia voltar... acharam que...” Nossa...”, todos os professores, até os mais chatos, “Nossa Mara, que bom que você tá aqui, como você tá...”, perguntou da minha irmã, que minha irmã, os professores da manhã e a tarde são diferentes um pouco, minha irmã estudava no período da manhã e eu à tarde... (Mara)
- Perguntaram como que eu tava, onde eu tava morando... “Não, eu tô com meu pai, eu tô bem...” tava bem assim, entre aspas... (...) Tava caminhando... e só que foi muito bom também, eles me ajudaram (...) Prova diferente pra mim... (Mara)

Estes aspectos apontados por pesquisas sobre as dificuldades encontradas pelos professores em abordar a morte evidenciam os aspectos culturais que norteiam nosso dia a dia, ou seja, morrer deixou de ser uma parte da vida para tornar-se um fracasso a ser evitado e encoberto. Esta falta de possibilidades de se falar sobre a dor, o sofrimento, a saudade pode impedir a elaboração do luto e levar a um processo patológico.

Rodriguez (2010) postula que as experiências de perda são peculiares e individuais. Atualmente, muitas vezes é exigido do enlutado atravessar essa experiência de maneira calada, passando rapidamente pelo processo. Muitas vezes, até exigindo implicitamente poucas alterações em atividades cotidianas e tarefas profissionais.

Percebe-se nitidamente essa necessidade de “vamos voltar logo a ser como você era antes da morte, pois não temos tempo de esperar muito”. Soa até desumano pedir para uma adolescente que perdeu a mãe “você vai ter que voltar sua vida”. Como isso seria possível? Após uma perda irreparável e sofrível, como voltar a ter a mesma vida? E mesmo diante disso, os jovens, talvez pela fase do desenvolvimento ainda ingênua em alguns aspectos, ou pela sensibilidade aflorada pela perda, ainda sentem-se agradecidos e assistidos.

- É... só que aí eles conversaram, a direção falou “Oh, vai ser por um tempo, essas provas, você vai ter que voltar sua vida, voltar a viver normal...” (...) “A gente está te ajudando agora, porque esse bimestre, aqui a gente entende que você tá passando, só que lá no Conselho eles não sabem, eles vão vê sua nota e vão te repetir de ano...” (Mara)
- Né... por isso que a gente tá dando essas notas de graça...suas amigas estão colocando seu nome nos trabalhos... mas eu também achei muito interessante, muito legal o apoio deles... (...) Me ajudou, em alguma parte da minha vida, me ajudou... (Mara)

Quando o adolescente enlutado não encontra na família suporte para enfrentar a perda, ambientes institucionais e sociais, em especial a escola, podem auxiliar no suporte, caminhando juntos para dar continência ao sofrimento e inquietações dos jovens (Domingos, 2000).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato incontestável que a perda de alguém significativo acarreta sofrimento, desestruturação e pesar, entre tantos outros sentimentos. Todas estas repercussões, associadas à fase de desenvolvimento peculiar e intensa que é a adolescência, conduzem a consequências ainda mais exacerbadas. O jovem encontra-se internamente suscetível a um enlutamento com mais complicações, já que muita de sua energia deveria estar voltada para a construção de sua personalidade, de sua própria identidade.

É interessante ressaltar que as recordações e lembranças internalizadas pelos adolescentes da relação com o genitor falecido são importantes para direcionar o comportamento e as atitudes daquele diante da vida. Assim, os jovens atribuem o empenho na escola a esta ‘promessa’ feita ao pai/mãe falecido. Esta atitude parece ser relevante para moldar as metas desses adolescentes após o falecimento.

A vivência do luto está relacionada a vários fatores (como rede de apoio, idade, gênero e grau de vinculação com a pessoa falecida, entre outros). Cada adolescente vive esta experiência de maneira única e singular, porém pode-se depreender que, dentro da escola, alguns pontos devem ser repensados para auxiliar neste processo. Deve-se possibilitar ao profissional de educação condições para apoiar os alunos enlutados, respeitando a personalidade de cada um e sua maneira singular de enfrentar este momento da vida.

A dificuldade em lidar com situações de morte e luto dentro da escola confirma os entraves existentes na sociedade atual com questões relativas ao luto, sendo o contexto escolar apenas um reflexo desta situação. A família encontra-se elaborando o próprio luto, a parceria com a escola é sempre bem vinda. Assim, o papel da escola é de fundamental importância, já que a reação que o ambiente escolar esboça em relação ao luto dos jovens poderá influenciar este processo.

A escola deveria ser um local de acolher e suportar a dor dos alunos enlutados, e em casos mais graves, encaminhar os jovens para atendimentos especializados. Isso não quer dizer que a família deixa de ter um papel importante na vida do enlutado, muito menos que a escola substitui a família, mas sim que a ajuda é importante, ao menos no período em que os adolescentes estão estudando.

Vimos que as repercussões do luto dentro da escola são evidentes, acarretando dificuldades pedagógicas, que envolvem problemas em acompanhar o ritmo das aulas, falta de concentração e assiduidade prejudicada.

Nota-se que os jovens encontraram mais apoio nos colegas, no sentido emocional, do que com os professores ou coordenadores. Apesar de ambos, professores e alunos, auxiliarem os enlutados em questões práticas (como colocar nome nos trabalhos e retirar faltas), somente os colegas parecem ter estabelecido um contato com a dor da perda. Deste modo, tentavam consolar os adolescentes, da maneira que podiam, com palavras de conforto e apoio e com atitudes, como abraços.

Os profissionais da educação não têm o próprio luto reconhecido, e, muitas vezes, precisam continuar as atividades docentes mesmo tendo sofrido perdas, podendo sentir-se desamparados e repletos de trabalho, o que pode levá-los a não prosseguirem no aprofundamento de questões emocionais com os alunos por falta de condições e de oportunidade.

Diante disso, fica nítida a necessidade da implementação da “Educação para a Morte” dentro das escolas, por meio da qual é possível discutir as várias perdas ocorridas na vida de maneira preventiva. Esta parece ser uma boa forma de aprender a lidar com a morte antes que ela ocorra, para que seja possível a construção de bases sólidas e firmes, que serão usadas quando necessário, beneficiando não apenas os alunos, mas também os professores, que estarão mais aptos a lidarem com emoções e sentimentos decorrentes da morte.

Além da responsabilidade da escola em transmitir conhecimento, deve-se pensar em uma escola que considere como ponto importante as necessidades emocionais de seus alunos, já que afeto e cognição estão estritamente relacionados. É necessário que a escola seja um dos pontos de apoio para o aluno enlutado sentir que “não há falta na ausência”, e que apesar de a ausência perdurar, é possível conviver com a internalização da relação findada, fazendo da saudade uma nova forma de amar.

7 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2011. 92 p.

ÁRIES, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

AYRES, J. R. C. M.; SILVA, G. S. N. Os estudantes de medicina e o encontro com a morte: dilemas e desafios. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.

BASSORA, J. B.; CAMPOS, C. J. G. Metodologia clínico-qualitativa na produção científica no campo da saúde e ciências humanas: uma revisão integrativa. **Rev. Eletrônica Enferm.**, Goiânia, v. 12, n. 4, p. 753-60, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/5804>. Acesso em: 13 jan. 2014.

BLAZUS, C. B.; RAMIRES, V. R. R. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 17, n. 1, mar. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000100010>.

BLEGER, J. A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação. In: _____. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. 12º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 218 p.

BOUSSO, R. S. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 24, n. 3, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002011000300001&lang=pt. Acesso em: 2 set. 2011.

BOWLBY, J. **Apego e perda**: apego: a natureza do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1990. v. 1.

_____. **Apego e perda**: tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 2004. v. 3.

_____. **Formação e rompimento dos vínculos afetivos**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRAGA, A. A. N. M.; DALTRO, M. R.; DANON, C. A. F. A escuta clínica: um instrumento de intervenção do psicólogo em diferentes contextos. **Rev. Psicol, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 87-100, dez. 2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Série A. Normas e Manuais Técnicos.

BROMBERG, M. H. P. F. **A psicoterapia em situações de perda e luto**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CAMARGO, P. Discutindo a relação. **Rev. Educação**, São Paulo, Ano 17, n. 201, p. 40-8, jan. 2014.

CARVALHO, V. A. A vida que há na morte. In: FRANCO, M. H. P. et al. **Vida e morte: laços da existência**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CASSORLA, R. M. S. (Coord.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico**. Rio de Janeiro: Bertand, 1994.

DOMINGOS, B. **Vivências de morte e luto em escolares de 13 a 18 anos**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____.; MALUF, M. R. Experiência de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicol., Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 577-87, 2003.

ESSLINGER, I.; KOVÁCS, M. J. **Adolescência: vida ou morte?** São Paulo: Editora Ática, 2006.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FRANCO, M. H. P. **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.

_____. Luto: a morte do outro em si. In: FRANCO, M. H. P.; KOVÁCS, M. J.; CARVALHO, M. M. M. J.; CARVALHO, V. A. **Vida e morte: laços da existência** 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. cap. 4, p. 99-121.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 19.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, Ano 7, n. 1, p. 147-70, 2007.

GRANJA, A.; COSTA, N.; REBELO, J. E. O luto em contexto escolar: vivências na primeira pessoa. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 13, p. 57-82, jul/dez. 2012.

IEZZI, F. T. M. **Adolescentes em tratamento psiquiátrico**: um estudo fenomenológico das vivências em seus relacionamentos sócio-afetivos-sexuais. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-31032013-200503>. Acesso em: 9 junho 2014.

JERSILD, A. T. **Psicologia da adolescência**. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1967. p. 404

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. Educação para a morte. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 25, n. 3, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>.

_____. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Formação e rompimento de vínculos**: o dilema das perdas na atualidade São Paulo: Summus, 2010a. cap. 6, p. 145-68.

_____. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010b.

_____. A morte em vida. In: FRANCO, M. H. P., et al. **Vida e morte**: laços da existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 35-76.

_____. Educadores e a Morte. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v.16, n. 1, junho de 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572012000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LABATE, R. C. **O profissional de saúde frente a paciente mastectomizada**: Aspectos psicológicos. 1997. 148 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. Jovens com perda parental: lidando com o luto e com a escolha profissional. In: LEVENFUS, R.S.; SOARES, D.H.P. et al **Orientação vocacional ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. 3ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MARQUES, P. R. M. **Pedagogia da morte**: a importância da educação sobre luto nas escolas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____; DEMARTINI, Z. B. F. Luto na escola: um cuidado necessário. **Rev. Pedagógica – UNOCHAPECÓ**, Chapecó, v. 1, n. 26, p. 43-58, 2011.

MAZORRA, L. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. 253f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOTA, M. M. A. **O luto em adolescentes pela morte do pai**: risco e prevenção para a saúde mental. 2008. 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NOVAES, M. H. **Psicologia escolar**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

OSÓRIO, L. C. Psicanálise de adolescentes. In: OUTEIRAL, J. O.; THOMAZ, T. O. (Org.) **Psicanálise brasileira**: brasileiros pensando a psicanálise. Porto Alegre: Artmed, 1995.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7ªed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. 3.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998. 290 p.

_____. **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

PAZ, L. R. Adolescência: crise de dessimbiotização. In: ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 1986.

PERUZZO, A. S.; JUNG, B. M. G. SOARES, T.; SCARPARO, H. B. K. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 449-61, dez. 2007.

PSICÓLOGOS(as) nas escolas. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 2013. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=64. Acesso em: 28 junho 2014.

RAIMBAULT, G. **A criança e a morte**: crianças doentes falam da morte: problemas da clínica de luto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 184 p.

RODRIGUEZ, C. F. **O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?** 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-25072006-105925/>. Acesso em: 14 maio 2014.

_____. **Falando de morte na escola**: o que os educadores têm a dizer? 2010. 341f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____; KOVÁCS, M. J. Falando de morte com o adolescente. **Estudos e Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 127-43, 2005.

SARTI, C. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, J. A. F. (Orgs.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez Ed./PUC-SP, 2010. p. 21-36.

SCOZ, M. C. P. **Orfandade adulta**: vivências de luto antecipatório junto a genitor com câncer em progressão. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-14022013-110711/>. Acesso em: 13 maio 2014.

SOUZA, A. M.; MOURA, D. S. C.; PEDROSO, J. S. Instrumento de avaliação do luto e suas funções terapêuticas: a experiência em um serviço de pronto atendimento ao enlutado. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.

SUKIENNIK, P. B. Implicações da depressão e do risco de suicídio na escola durante a adolescência. **Adolesc. Latino-Am.**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 36-44, 2000.

TEIXEIRA, C. J. **O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar de jovens em conflito com lei**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15122009-122043/>. Acesso em: 13 maio 2014.

TEIXEIRA, G. **Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola**. 3º ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

TURATO, E. R. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. **Rev. Portuguesa Psicossom.**, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 93-108, 2000.

_____. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3: p. 507-14, 2005.

_____. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. 5ºed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 685 p.

WORDEN, J. W. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1998.

APÊNDICES

Apêndice 1

Versão_1_T.Assentimento_Nov2012

Termo de Assentimento

ADOLESCENTE MENOR DE 18 ANOS

TÍTULO DO PROJETO: O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Marina Candiani Meles

A morte de um familiar é uma experiência que atinge o ser humano em diferentes aspectos da vida. Poderá ser muito útil para a saúde da pessoa enlutada conversar sobre este momento.

Sou psicóloga, estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de compreender a vivência do adolescente enlutado em consequência da morte de um dos pais e as repercussões na sua vida escolar. Para realizar este estudo pretendo conversar com adolescentes enlutados que estejam cursando o Ensino Médio.

Você está sendo convidado para conversar sobre como tem sido para você este momento da sua vida. Esta conversa será em dia e horários combinados entre nós, podendo durar até 1 hora e será gravada, se você concordar. Poderá ser na sua casa ou na sua escola.

Você não terá gastos de qualquer natureza. Caso sinta-se incomodado por qualquer aspecto da conversa, poderá interrompê-la sem nenhum tipo de prejuízo. Eu, psicóloga-pesquisadora, responsabilizo-me a realizar atendimento caso haja necessidade. Suas informações poderão ser respeitosamente utilizadas em aulas e/ou publicações científicas, mas o seu nome não será conhecido por ninguém além de minha pessoa. Caso concorde, por favor, assine essa autorização.

Este documento será impresso e assinado em duas vias. Uma delas será entregue a você e a outra ficará comigo.

Caso sinta necessidade de falar comigo sobre esta pesquisa, poderá ligar para o telefone (16)8144**** ou 36023404.

Agradeço sua contribuição.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Apêndice 2

Versão_1_TCLE-Adolesc. maior_Nov2012

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisa com Seres Humanos**ADOLESCENTE MAIOR DE 18 ANOS**

TÍTULO DO PROJETO: O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Marina Candiani Meles

A morte de um familiar é uma experiência que atinge o ser humano em diferentes aspectos da vida. Poderá ser muito útil para a saúde da pessoa enlutada conversar sobre este momento.

Sou psicóloga, estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de compreender a vivência do adolescente enlutado em consequência da morte de um dos pais e as repercussões na sua vida escolar. Para realizar este estudo pretendo conversar com adolescentes enlutados que estejam cursando o Ensino Médio.

Você está sendo convidado para conversar sobre como tem sido para você este momento da sua vida. Esta conversa será em local, dia e horários combinados entre nós, podendo durar até 1 hora e será gravada, se você concordar. Poderá ser na sua casa ou na sua escola.

Você não terá gastos de qualquer natureza. Caso sinta-se incomodado por qualquer aspecto da conversa, poderá interrompê-la em qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo. Eu, psicóloga-pesquisadora, responsabilizo-me a realizar atendimento caso haja necessidade. Suas informações poderão ser respeitosamente utilizadas em aulas e/ou publicações científicas, mas o seu nome não será conhecido por ninguém além de minha pessoa. Caso concorde, por favor, assine essa autorização.

Este documento será impresso e assinado em duas vias. Uma delas será entregue a você e a outra ficará comigo.

Caso sinta necessidade de falar comigo sobre esta pesquisa, poderá ligar para o telefone (16) 8144**** ou 36023404.

Agradeço sua contribuição.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Apêndice 3

Versão_2_TCLE-Responsável_Nov2012

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisa com Seres Humanos

PAI, MÃE OU RESPONSÁVEL

TÍTULO DO PROJETO: O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Marina Candiani Meles

A morte de um familiar é uma experiência que atinge o ser humano em diferentes aspectos da vida. Poderá ser muito útil para a saúde da pessoa enlutada conversar sobre este momento.

Sou psicóloga, estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de compreender a vivência do adolescente enlutado em consequência da morte de um dos pais e repercussões na sua vida escolar. Para realizar este estudo pretendo conversar com adolescentes enlutados que estejam cursando o Ensino Médio.

Gostaria de solicitar sua autorização para a participação do seu(sua) filho(a) nesta conversa comigo em dia e horários combinados entre nós, podendo durar até 1 hora e será gravada, se o senhor(a) e o seu(sua) filho concordarem. Poderá ser na sua casa ou na sua escola.

O(A) adolescente não terá gastos de qualquer natureza. Caso o adolescente sinta-se incomodado por qualquer aspecto da conversa, poderá interrompê-la sem nenhum tipo de prejuízo. Eu, psicóloga-pesquisadora, responsabilizo-me a realizar atendimento caso haja necessidade. Suas informações poderão ser respeitosamente utilizadas em aulas e/ou publicações científicas, mas o nome do adolescente não será conhecido por ninguém além de minha pessoa. Caso concorde, por favor, assine essa autorização.

Este documento será impresso e assinado em duas vias. Uma delas será entregue ao senhor(a) e a outra ficará comigo.

Caso o senhor(a) ou o(a) adolescente sintam necessidade de falar comigo sobre esta pesquisa, poderá ligar para o telefone (16)8144**** ou 36023404.

Agradeço sua contribuição.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do responsável : _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Apêndice 4

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a coleta de dados da pesquisa intitulada "O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar" de autoria da aluna de pós-graduação – nível mestrado Marina Candiani Meles sob orientação da Profa. Dra. Renata Curi Labate da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Autorização da vice-diretora da Escola Estadual Cônego Barros

Nome completo: Teresa Aparecida Murinelli Martinez

Apêndice 5

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a coleta de dados da pesquisa intitulada “O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar” de autoria da aluna de pós-graduação – nível mestrado Marina Candiani Meles sob orientação da Profa. Dra. Renata Curi Labate da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola Estadual Otoniel Mota

Nome completo: Luiz Cláudio Novaes da Silva

Apêndice 6

O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar

Entrevista N. _____

Local: _____

Cidade e data: _____, ____/____/____

Início: ____h____ Término: ____h____

Duração em minutos: _____

Parte 1 – Dados de identificação do entrevistado

1. Nome do entrevistado: _____
2. Sexo: _____
3. Data de nascimento: ____/____/____
4. Naturalidade: _____
5. Grau de escolaridade: _____
6. Com quem mora: _____

Parte 2 – Questão disparadora da entrevista semiaberta

- 1. Você poderia me contar como tem sido sua vida?**

ANEXOS

Anexo 1

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde
para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3602.0518
www.eerp.usp.br - eerp@edu.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 221/2012

Ribeirão Preto, 26 de novembro de 2012.

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua 15ª Reunião Extraordinária, realizada em 26 de novembro de 2012.

Protocolo CAAE: 01943212.8.0000.5393

Projeto: O adolescente vivenciando o luto: repercussões da perda na esfera escolar.

Pesquisadores: Renata Curi Labate
Marina Candiani Meles

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Claudia Benedita dos Santos
Vice-coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Prof. Dra. Renata Curi Labate

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Anexo 2

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
Avenida Nove de Julho, 378, Sumaré – Ribeirão Preto-SP – F. 3519-3910

Registro: G: 1703/1073/2013

Interessado: Marina Candiani Meles – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

Assunto: Solicitação de autorização para realizar pesquisa.

DESPACHO DA DIRIGENTE REGIONAL DE ENSINO

Trata-se de solicitação, da Mestranda Marina Candiani Meles, do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, de autorização para o desenvolvimento de Projeto de Mestrado junto a escolas de Ensino Médio da rede estadual, no município de Ribeirão Preto.

O Projeto, intitulado “O adolescente vivenciando o luto: repercussões na vida escolar”, será desenvolvido por Marina Candiani Meles, aluna de Mestrado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, sob orientação da Professora Doutora Renata Curi Labate.

Não me oponho à solicitação. Contudo, a autorização cabe à Direção de cada Unidade Escolar. Devem, ainda, ser observadas: a liberdade dos alunos quanto à participação; a não ocorrência de prejuízo às aulas e aos alunos; e a responsabilidade do pesquisador por todos os atos e procedimentos relacionados a essa pesquisa que ocorram no interior da escola ou que repercutam sobre a mesma.

Ribeirão Preto, 16 de abril de 2013.

A assinatura manuscrita de Simone Maria Locca.
Simone Maria Locca
RG 21.605.624
Dirigente Regional de Ensino